

DOM CARMELO SCAMPA
Bispo de São Luís de Montes Belos

2º Plano Pastoral

São Luís de Montes Belos
2012|2015

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Marcia Lezita Silveira
REVISÃO: Divina Maria de Queiroz
Eurípedes Amaro dos Santos

Impresso por
Scala Editora
Rua Itororó, 144 - Qd. 64 - Lt. 2/5
Bairro São Francisco - Telefax: (62) 4008-2350
scala@grafिकासcala.com.br



DOM CARMELO SCAMPA

Bispo de São Luís de Montes Belos

APRESENTAÇÃO

Queridos Irmãos Presbíteros, Diáconos, Religiosas, Seminaristas, Agentes de Pastoral, saudações cordiais em Cristo Evangelizador e Pastor.

Depois do estudo feito sobre as “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 2011-2015”; depois de termos acatado as contribuições oferecidas pelas Paróquias, Regiões, Coordenações de Pastorais e sobretudo da Assembleia Diocesana de 2011; depois de ter avaliado o esboço feito pela Coordenação Diocesana de Pastoral, liderada pelo Padre Dionivaldo Rosa Pires, assessor da mesma Coordenação de Pastoral, temos a alegria de apresentar às comunidades o Segundo Plano Diocesano de Pastoral.

- Nosso Plano segue o esquema das Diretrizes Gerais com a única preocupação de encarná-las na realidade diocesana de hoje.
- O Plano não quer ser uma camisa de força que abafa a criatividade das Paróquias e a capacidade de intervir nas situações concretas e nos novos desafios.
- Não quer ser também algo de teórico, elaborado por alguns especialistas sem considerar as forças e capacidades reais para realizá-lo de nossas paróquias.

- Quer ser uma tentativa estruturada para caminharmos juntos, na mesma direção, com os mesmos objetivos, procurando alcançar a almejada pastoral orgânica, de conjunto.
- Quer ajudar a criatividade de cada paróquia para que elas também façam o próprio Plano Paroquial de Pastoral, concretizando ainda mais as exigências da ação evangelizadora no Brasil e na Diocese de São Luís.
- Quer ajudar a não desperdiçar energias pastorais preciosas, mas a seguir os objetivos diocesanos. Somos Igreja Diocesana dividida em 37 paróquias e inúmeras comunidades. Se somos Igreja Diocesana precisamos caminhar juntos.
- Quer também obrigar de certa forma todos os Agentes de Pastoral a dar conteúdos sólidos e rumos seguros a toda a ação pastoral.

Diante do Segundo Plano de Pastoral precisamos fazer o quê?

- Acatá-lo com abertura e sem preconceitos: é a concretização de um pedido coletivo.
- Estudá-lo e apresentá-lo aos catequistas, líderes de pastorais, movimentos, comunidades, membros dos Conselhos pastorais e econômicos da paróquia e da região.
- Não “aposentá-lo” logo porque ele vai guiar a ação pastoral diocesana até 2015 e deverá ser ponto de referência também para as Assembleias Regionais e Diocesanas destes anos.

Queridos Irmãos e Irmãs, tudo o que é comunitário pode-se realizar com o esforço e a colaboração de todos. A hora é de arregaçar as mangas, de somar forças, de fazer acontecer o que juntos decidimos. O sucesso haverá somente se todos se comprometerem, o fracasso será o comprovante de nossa ausência nos problemas diocesanos, de nossa falta de envolvimento concreto.

É útil sempre lembrar o que Jesus disse: “Nisso reconhecerão todos que são meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (João 13, 35) e o amor é fruto de comunhão, também pastoral.

+ Carmelo Scampa

Dom Carmelo Scampa

Bispo diocesano

O PLANO DE PASTORAL

Um Plano Diocesano visa objetivos concretos e acessíveis, mesmo que mantenha o horizonte amplo da ação pastoral evangelizadora e missionária. Por isso o Plano Diocesano de Pastoral “caminho de pastoral orgânica, deve ser resposta consciente e eficaz para atender às exigências do mundo de hoje com indicações programáticas concretas, objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes e procura dos meios necessários que permitam que o anúncio de Cristo chegue às pessoas, modele as comunidades e incida profundamente na sociedade e na cultura mediante o testemunho dos valores do evangelho” (DA 371).

Em uma feliz coincidência, a Diocese de São Luís de Montes Belos elabora o Segundo Plano de Pastoral em plena celebração do Jubileu de Ouro do maior evento eclesial do século 20: os cinquenta anos do Concílio Vaticano II. A ideia central do Concílio foi a de preparar a Igreja para a era da modernidade global, com o objetivo de abrir novos canais de diálogo com o mundo contemporâneo, de modo a renovar as estruturas eclesiais e possibilitar uma nova dinâmica para o testemunho de Cristo e o anúncio do Evangelho.

O mapa do processo de evangelização a ser percorrido pela Igreja de São Luís acontece justamente neste momento de reflexão sobre o Concílio Vaticano II que, durante sua trajetória de meio século, foi marcado pelas grandes e importantes transformações ocorridas no mundo, com impactos em toda a sociedade, nos âmbitos da cultura, ciências, nos

meios de transporte e de comunicação – mudanças radicais e maiores que as ocorridas ao longo de todo um período de 500 anos. Segundo Padre Áureo Freitas, “o espírito do Concílio se resume nas seguintes “ideias-força”: “renovação”, “adaptação e inculturação”, “descentralização”, “comunhão”, “serviço” e “participação” e “diálogo com a sociedade””.

Nesse sentido a Diocese de São Luís de Montes Belos pretende:

- ✓ Recomeçar a partir de Jesus Cristo, destacando a Iniciação Cristã e o contato com a Palavra de Deus.
- ✓ Numa rede de comunidades, gerando pequenos grupos, pequenas comunidades nas mais diversas áreas e nos mais variados ambientes, de modo que os relacionamentos humanos sejam mais diretos, alimentados pela Palavra de Deus, pela vida de oração, pela liturgia e pela caridade social.
- ✓ Onde todos são corresponsáveis, gerando uma rede de serviços e ministérios, capazes de responder, evangélica e mais rapidamente aos desafios que vão surgindo no dia a dia.
- ✓ Em permanente atitude missionária, sensível às localidades e pessoas a quem a presença da Igreja não chegou de modo suficiente. Trata-se de reorganizar mentalidades e estruturas evangelizadoras a fim de chegar às ovelhas distantes sem, é claro, abandonar as que já estão no rebanho. Em nossos dias, precisamos treinar as ovelhas para saírem em busca das que estão fora. Já não basta mais às ovelhas do rebanho permanecerem no cercado saboreando a ração, enquanto o pastor sozinho vai em busca das outras.
- ✓ Sempre a serviço da vida, em todas as instâncias, desde a vida que está por nascer até a defesa da vida de nosso planeta, ameaçado de destruição pelo ambicioso desrespeito, que nada preserva, mas de tudo quer tirar proveito.

Em breve: Inspirada pela força da Palavra a Igreja Particular de São Luís de Montes Belos anuncia e reanuncia Jesus Cristo, numa rede de comunidades, serviços e ministérios, em permanente estado de missão, a serviço da vida em todas as suas instâncias.

Esse objetivo evangélico deverá fazer-nos confrontar com a realidade dos assentamentos, desemprego, o desafio do crescimento urbano em algumas cidades, na falta de representação política, enfim.

CAPÍTULO | PRIMEIRO

Quem somos?

Situação Geográfica: Sudoeste do Estado de Goiás

Superfície: 43.965,1 km²

População: 350.000 habitantes

Municípios: 36 municípios

Acreúna, Adelândia, Americano do Brasil, Amarinópolis, Anicuns, Aragarças, Arenópolis, Aurlândia, Avelinópolis, Baliza, Bom Jardim de Goiás, Cachoeira de Goiás, Caiapônia, Cezarina, Córrego do Ouro, Diorama, Doverlândia, Firminópolis, Indiara, Iporá, Israelândia, Ivolândia, Jandaia, Jaupaci, Moiporá, Montes Claros de Goiás, Nazário, Palestina de Goiás, Palmeiras de Goiás, Palminópolis, Paraúna, Piranhas, São João da Paraúna, São Luís de Montes Belos (Paróquia São Luís Gonzaga e Paróquia Santa Cruz), Turvânia, Turvelândia.

Breve Histórico:

O início da Evangelização dos territórios onde se encontra hoje a Diocese de São Luís de Montes Belos, nos anos de 1950 e 1958, está ligado aos trabalhos desenvolvidos pelos padres Redentoristas, Dominicanos e Agostinianos. No final da década de

50 chegaram ao Brasil os missionários holandeses da Congregação Passionista. Por indicação do Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi, os padres escolheram o Estado de Goiás. Ao saber que os Passionistas buscavam regiões no interior para o trabalho de Evangelização, as Dioceses de Jataí e Goiás e a Arquidiocese de Goiânia ofereceram paróquias que foram confiadas aos cuidados dos padres holandeses. Foi uma vasta região, a mesma que hoje forma o território diocesano.

Com a instituição da Prelazia de São Luís de Montes Belos (aos 25 de novembro de 1961 com a Bula pontifícia “*Cum Venerabilis*”) se começou um trabalho de evangelização de forma mais organizada, sobretudo com seu primeiro bispo Dom Stanislau Van Melis (sagrado em 02 de fevereiro de 1963). Mas foi a partir de 1968 que houve tentativas mais objetivas de organizar os vários setores da Pastoral com a criação de comissões de trabalhos (catequese, serviço social, seminário diocesano e juventude).

Nos anos de 1970 a 1980 o marco foi a atividade intensa de cursos de catequese, cursos de cantos, Cursilhos de Cristandade (com suas Escolinhas e Ultréias), encontros de jovens e Assembleias diocesanas.

Alguns traços interessantes de nosso povo foram detectados pelos participantes da primeira assembleia (de 17 de julho de 1973), onde foram estudadas as realidades concretas de nossa Igreja:

- a) A nossa Igreja, embora num esforço de renovação, é considerada tradicional;**
- b) Há um desnível cultural entre as lideranças e o povo, por ser a maioria dos padres e religiosas estrangeiros;**
- c) Há necessidade de descobrir uma linha de pastoral própria da Prelazia;**
- d) A grande esperança da Prelazia são os leigos, especialmente atuando nos Cursilhos e na Catequese;**

e) **Somos uma Igreja em formação que está se preparando para sua tarefa de ser presença de salvação para esta porção do povo de Deus.**

A partir de segunda assembleia da Prelazia temos o esforço de estudar três pontos fundamentais: a religiosidade do povo, as causas dessa religiosidade popular e qual o tipo de Pastoral adequada.

Em meados de 1979, o bispo prelado Dom Stanislau escreveu ao Vaticano três pedidos: solicitou que o Papa elevasse a Prelazia para a categoria de Diocese; apresentou o projeto “Igreja-irmã” entre a Prelazia e a Diocese de São Carlos- SP e pediu um bispo auxiliar para colaborar na evangelização. Os pedidos foram atendidos pelo Papa João Paulo II. Em 29 de dezembro o Pontífice nomeou bispo auxiliar Dom Rubens Augusto de Souza Espínola, da Diocese de São Carlos.

O Papa João Paulo II elevou a Prelazia à categoria de Diocese em 02 de setembro de 1981, e no dia 25 de novembro do mesmo ano, na catedral, realizou-se a cerimônia de instalação da Diocese de São Luís de Montes Belos pela Bula “*Cum Ecclesiae*”, data da comemoração do vigésimo aniversário da Prelazia.

Com Dom Rubens na coordenação de pastoral, animaram os trabalhos. A 12ª assembleia (de setembro de 1981) assume o tema “Vocação”. No final da assembleia, Dom Stanislau anunciou a decisão de dividir a Diocese em cinco Regiões Pastorais. Essa divisão tinha por finalidade dar uma resposta mais adequada na animação da Diocese, tanto no que se referia à Pastoral, quanto ao atendimento religioso e sacramental.

Em 1986, com seus 75 anos, Dom Stanislau encaminha o pedido de renúncia à Santa Sé, conforme as normas do Direito Canônico. Em 1987 Dom Washington Cruz é nomeado o novo bispo da Diocese de São Luís de Montes Belos. Para organizar e facilitar o trabalho, o novo bispo se empenhou na criação dos organismos de comunhão e participação (Colégio dos Consultores, Conselho Presbiteral, Conselho Diocesano de Pastoral, Conselho Diocesano

de Administração) em nível diocesano e orientou a criação dos Conselhos paroquiais. Também fomentou a vinda de Congregações femininas para auxiliar na organização das paróquias sem presbíteros residentes, bem como deu maior espaço aos movimentos de espiritualidade cristã (RCC, ECC e MCC). Procurou dar impulsão à Pastoral Familiar através de vários encontros de pastorais com essa temática. Também a formação dos leigos foi dinamizada através da Escola de Teologia Pastoral (ESTEP), criada em 1995, e da Escola Social “João Paulo II” direcionada para a formação de líderes políticos. Aos poucos a preocupação pelo trabalho vocacional ganha mais consistência através da reabertura dos seminários diocesanos.

Após a transferência de Dom Washington para a Arquidiocese de Goiânia, é nomeado Dom Carmelo Scampa (30 de outubro de 2002) como novo bispo diocesano. Em 05 de janeiro de 2003, Dom Carmelo é ordenado bispo na Catedral de São Luís de Montes Belos e toma posse. No mesmo dia ele lança seu programa de pastoral para consolidar uma Igreja fundada na espiritualidade diocesana, na escuta da Palavra e que seja Profética e Samaritana.

O novo bispo não tardou em dar impulso à formação. Apresentou propostas aos Conselhos de Presbíteros e de Pastoral para a criação das Escolas bíblicas diocesanas e lançou o projeto das Santas Missões Populares. Percebendo o desafio da escassez de presbíteros, Dom Carmelo se empenhou com toda energia no fortalecimento da Pastoral Vocacional e na construção dos Seminários Diocesanos. Com seu estilo de pastor buscou proximidade com o povo para conhecer seus problemas e angústias através das visitas pastorais muito bem programadas.

CAPÍTULO | SEGUNDO

Onde nos situamos?

1. O OLHAR DOS DISCÍPULOS SOBRE A REALIDADE

*“Vendo as multidões, Jesus teve compaixão,
porque estavam cansadas e abatidas...”*
(Mt 9, 36)



1.1. Um olhar de gratidão a Deus

Num primeiro olhar, somos convidados a contemplar e a constatar as realidades belas sobre a presença do Evangelho e da Igreja em nossa região. Por isso, nossa gratidão a Deus:

- ✓ pelos padres holandeses Passionistas que trouxeram o Evangelho, a fé, o amor à Igreja e à família, o espírito de oração e a vida comunitária em nossa região. Vale para nós o que diz o Documento de Aparecida sobre a América Latina: “As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus amor e a tradição católica na vida e na cultura..., o amor ao Senhor presente na Eucaristia..., a profunda devoção à Santíssima Virgem..., a caridade...” (DAp 7).
- ✓ pelas romarias, pelas festas dos padroeiros e das padroeiras, pela devoção popular;
- ✓ pelas pequenas comunidades, talvez o segundo maior patrimônio da sociedade regional, só perdendo para família;
- ✓ por tantas lideranças eclesiais em nossas comunidades: bispo, padres, diáconos, religiosos(as), catequistas, liturgistas, animadores(as), zeladores(as), ministros(as)...
- ✓ pelos trabalhos desenvolvidos pelas diferentes pastorais...
- ✓ pelo patrimônio de nossas comunidades: igrejas, salões comunitários, etc.
- ✓ pela pujança de nossa natureza: matas, águas, terra de bacuri, pelo cerrado, peito do Brasil;
- ✓ pela fertilidade de nossas terras nas quais, praticamente em tudo, “em se plantando dá”;
- ✓ pela presença de tantos idosos, verdadeiros guardiães de nossa história;
- ✓ pelos primeiros sacerdotes e religiosos que desenvolveram sua ação evangelizadora em nossa região;

- ✓ pela presença sempre mais numerosa dos padres diocesanos locais;
- ✓ pela ajuda das Igrejas irmãs de São Carlos e Cremona;
- ✓ pelos dois Seminários diocesanos, Santas Missões Populares [*Carta Pastoral 2006: Ide e fazei discípulos meus todos os povos; Carta Pastoral 2007: Ide também vós trabalhar na minha vinha*];
- ✓ pela Casa de Recuperação para dependentes;
- ✓ pelo projeto da Missão na Amazônia [*Carta Pastoral 2011: Diocese – Igreja em construção, p. 21-22*];
- ✓ pela reforma da Casa São Paulo e da Catedral;

E, assim, poderíamos continuar a ladainha de tantas coisas bonitas que fazem parte da história de nossa região diocesana.

1.2. Que conquistas marcaram nossa caminhada?

01. Escola Bíblica e o incentivo dos padres para a mesma, e também as formações em geral (liturgia, círculo bíblico, Campanha da Fraternidade, Doc. de Aparecida, catequese, Diretrizes);
02. O desempenho e a dedicação do nosso bispo e da equipe de coordenação diocesana;
03. As tradicionais e esperadas Cartas Pastorais a cada ano; nosso Diretório Diocesano; o rico material produzido pela própria diocese: tríduos, livretos sobre a Espiritualidade Diocesana, o amplo material da Escola Bíblica, o primeiro livro publicado sobre a caminhada diocesana;
05. As visitas Pastorais em todas as paróquias;
07. As comemorações dos 50 anos da Diocese (celebrações, peregrinação pelas Paróquias e as demais atividades do Ano Jubilar);
08. Escola Catequética;
09. Ordenações Sacerdotais.

1.3. Um olhar de perplexidade

“Muitas vezes, e de diversos modos”, já se falou a respeito do atual contexto que a Igreja vem enfrentando nas últimas décadas. Isto acontece porque falar sobre algo não implica necessariamente encontrar a solução dos problemas. Palestras, congressos, simpósios, assembleias e todas as demais formas de estudo ajudam a compreender o fenômeno e com ele interagir. A solução, entretanto, não está no plano de pastoral, mas se encontra lá fora, no dia a dia, onde a ação evangelizadora efetivamente acontece.

Para descrever esta realidade as **Diretrizes anteriores (2008-2010)**, no final do n° 13, onde, através de um jogo de palavras, se descrevia, com bastante clareza, o que está acontecendo em nossos dias. O texto afirma que, *mais do que uma época de mudanças nossos dias experimentam uma verdadeira mudança de época*. São situações que, embora parecidas, distinguem-se no nível de afetação e nas consequências que geram. Em comum, as duas têm a realidade das transformações num nível bastante elevado. Diferem, entretanto, no grau em que estas transformações atingem a vida de pessoas e povos. As épocas de mudança têm efeitos menos abrangentes que as mudanças de época. As épocas de mudança colocam diante de nós um conjunto de fatos novos, com os quais vamos interagir baseados em critérios solidamente estabelecidos. Nas épocas de mudança venha o que vier, estaremos preparados, pois sabemos o que somos, o que temos, no que cremos e com o que sonhamos.

Convém iniciar com duas observações por meio das quais se contextualiza o que está acontecendo. A primeira constatação nos leva a ultrapassar os limites da Igreja. O fenômeno que estamos experimentando não é específico da Igreja Católica. No âmbito religioso, ele atinge também as Igrejas da Reforma, notadamente as históricas, chegando até às demais religiões. Trata-se, portanto, de um fenômeno de amplo alcance. A diferença está no modo como ele atinge cada uma destas religiões e o modo como elas reagem. A segunda observação alarga ainda mais o fenômeno, pois chama nossa atenção para o fato de que não se trata de algo específico desta ou daquela região do planeta. A realidade sobre a qual estamos falando diz respeito ao mundo todo,

ainda que sob diversos graus de afetação. É por isso que um dos termos mais usados para descrevê-lo é exatamente *globalização*. O Documento de Aparecida, nos números 37-44, trata da globalização mostrando que, além de ser uma realidade geográfica, no sentido de que atinge praticamente todos os povos, é também existencial, pois abrange as diversas instâncias da vida de pessoas e povos.

As mudanças de época ultrapassam os limites dos fatos novos e chegam até os critérios, fazendo com que não exista tanta clareza do que sejamos, tenhamos, creiamos ou sonhemos. As épocas de mudança atingem o ver a realidade. As mudanças de época atingem o julgar¹. Quando apenas o ver é atingido, mais facilmente se chega ao agir. Quando, porém, o julgar é afetado, mais difícil se torna discernir a ação. É porque estamos numa mudança de época que, em diversas instâncias da vida, inclusive na ação evangelizadora, nos sentimos como que apalpando a realidade para chegar a soluções. Estamos, na verdade, tentando. Todos tentam. Cada um tenta a seu modo. Em geral, as soluções possuem um caráter mais imediato e, às vezes, de curta duração. Crescem as tentativas individuais e a valorização do que é próprio de cada um, até mesmo com o prejuízo da pastoral ORGÂNICA. Isso acontece porque as mudanças de época nos jogam para fora do navio, colocando-nos em meio a um mar agitado. Nesta hora, cada um busca a sua tábua de salvação e ... salve-se quem puder.

Este momento de passagem não implica exclusão do extremo oposto, mas *inversão de prioridades* ou *primazia* nos critérios. Perenidade, unidade, institucionalidade são condições humanas do existir e por isso sempre estarão presentes. A diferença é que não estão presentes nos primeiros lugares da lista. Valem como certos parentes que sabemos existirem, mas só os encontramos em casamentos ou funerais. Ninguém vai atrás deles. Eles é que aparecem em determinados contextos.

Então o que fazem com esta mudança de época? Várias são as atitudes diante de uma mudança de época. A primeira e mais comum é a que se agarra ao passado, confundindo, no caso da Fé, o que, de fato, é um dado

¹ No dizer da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, atingem os “critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade (EN 19).

de Fé com aquilo que é marca cultural e histórica. Em geral, são chamados de fundamentalistas². O outro extremo, sem um nome específico que o identifique, se caracteriza pela ruptura, em alguns casos praticamente total, entre os dados centrais da Fé e as marcas histórico-culturais. Enquanto os primeiros, isto é, os fundamentalistas, não permitem que se faça a passagem para o novo momento histórico, os outros fazem uma passagem tão extrema que acabam por perder até mesmo a identidade.

Isto acontece porque as mudanças de época, exatamente por tocarem nos alicerces, atingem muito diretamente as identidades. O que é, em nossos dias, ser cristão, ser político, ser marido ou esposa, educador, pai ou mãe, ministro religioso e assim por diante? Cada um tem seu jeito de vivenciar estas situações exemplificadas. E não se trata de uma decorrência da diversidade própria do ser humano. As pessoas são diferentes, mas sua diversidade, nos períodos de consolidação, tendem a acontecer num determinado espaço razoavelmente circunscrito. Nas mudanças de época, a variação nos jeitos de ser é quase infinita.

É bem provável que fique a impressão de que as mudanças de época são de todo negativas. Se, por um lado, não podemos negar o caráter desconcertante destes períodos, pois eles nos tiram o chão da existência, por outro, as mudanças de época são momentos muito propícios para o crescimento pessoal e comunitário. Isto acontece porque, ao retirar o chão das garantias histórico-culturais, as mudanças de época nos empurram para aquilo que é essencial em nossas vidas. Pedem uma revisão em nossa identidade. O que é ser um bom profissional, amigo, cônjuge, ministro religioso e, no nível mais profundo, uma pessoa de fé? Na linguagem do evangelho de João: é um convite à maturidade cristã.

² Sobre o fundamentalismo, existem diversas obras públicas e mesmo artigos que ajudarão a compreender o fenômeno. O termo é complexo. Aplicado inicialmente à leitura bíblica, alargou-se para significar uma forma de compreensão da totalidade da vida. Em termos bíblicos, a expressão remete a dois autores norte-americanos: Amzi C. Dixon e Reuben A. Torrey. Seus textos foram publicados no período entre 1909 e 1915. Com tradução recente para o português: *Os Fundamentos: a famosa coletânea das verdades bíblicas fundamentais*. São Paulo, Hagnos, 2005. Também: DE BONI, L. A., *Fundamentalismo*, Porto Alegre, Edipucrs, 1995. Nesta obra, alarga-se o conceito de fundamentalismo como concepção de vida

Para responder, sabemos que é necessário distinguir duas realidades que, na prática, acontecem integradas. De um lado, temos a Fé. De outro, temos as concretizações histórico-culturais desta mesma Fé. Uma coisa é crer em Jesus Cristo, morto e ressuscitado para a nossa salvação; outra, vivenciar esta Fé em, por exemplo, procissões, assembleias ou tardes de louvor. Estes três exemplos, que podem nem ser os melhores, são concretizações históricas de algo que está além do momento histórico em que vivemos, ou seja, nossa adesão viva e integral a Jesus Cristo e nosso compromisso com o Reino de Deus.

Sabemos que, na prática, a Fé e suas concretizações históricas e culturais caminham juntas. A Fé só é acolhida, vivenciada e transmitida a partir das culturas. Toda vivência da Fé obedece sempre a parâmetros culturais. Nos períodos de consolidação, Fé e cultura(s) tendem a se aproximar bastante, a ponto de, muitas vezes se correr o risco de se considerar como dado de Fé algo que é cultural. As mudanças de época trazem, como uma de suas consequências, a separação entre o que é dado da Fé e as marcas da(s) cultura(s). No caso da atual mudança de época, deparamo-nos com categorias que sempre estiveram presentes na existência de nossos antepassados e mesmo na nossa existência. A diferença consiste no fato de que eram vistas não como o padrão a ser seguido, mas como exceções. Ao contrário, em nossos dias, deparamo-nos com todo o peso da provisoriade, do momentâneo, da diversidade. Por certo, todas as características da atual mudança de época nunca desapareceram do cenário da vida. Elas são realidades humanas que estavam deixadas de lado, na periferia de uma mentalidade que valorizava mais o eterno, o imutável, o essencial. Agora, características opostas foram trazidas para os primeiros lugares na lista de importâncias. Esta nova centralidade é tão importante e aguda que, mesmo sem sentir ou concordar, acabamos sendo levados por ela. O mundo de nossos dias, pelo menos em sua parte ocidental, está marcado por forte mobilidade não apenas física, mas, como lembrado antes, existencial.

Esta transformação, ao trazer para o centro da vida humana aspectos que estavam, por séculos, na periferia das compreensões, faz emergir uma questão bastante séria: a questão pela possibilidade

de se viver o cristianismo num contexto como este. É possível viver a fé num contexto de mobilidade, de transitoriedade? Daí a pergunta: pode-se viver a experiência cristã em termos de mobilidade? Formulando de outro modo: que vínculos existem entre a experiência bíblica de Deus e a mobilidade, a provisoriedade, a transitoriedade e todas as demais características deste tempo atual?

Quando colocada deste modo, a pergunta pela possibilidade da experiência cristã em contexto de mobilidade pede de nós a mesma atitude daquele “pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas” (cf. Mt 13,52). As mudanças de época fazem com que tiremos de nosso tesouro coisas novas que, na verdade, são velhas, ou, então, coisas velhas que, diante de novos contextos, tornam-se novas. São as reservas de amor da novidade evangélica, os doze pães que foram recolhidos e estão no cesto. A mobilidade é uma delas. O problema é que não estamos acostumados a lidar com ela.

O cristianismo, biblicamente falando, é sempre mobilidade, risco, lançar-se. Quando nos voltamos, de modo orante, para a Escritura Sagrada, encontramos um fio condutor de mobilidade. A experiência bíblica veterotestamentária emerge do êxodo, saída de um lugar de escravidão para ingresso na terra prometida, antecedido por um período longo de peregrinação deserto adentro. Qual é a primeira ordem divina transmitida a Abrão? “Sai da tua terra e *caminha*, *peregrina* até onde eu te mostrarei!” (Gn 12,1-4^a).

Se pularmos para o Segundo Testamento, deparamo-nos com o Filho do Homem não tendo onde reclinar a cabeça (Mt 8,20), andando de cidade em cidade (Lc 4,43) enviando os discípulos na mesma situação, sem muitos apoios ou condições de estagnação (Lc 10,4). Descobrimos Jesus de Nazaré quebrando os paradigmas exatamente de uma mentalidade que, por ser excessivamente estática, tornava-se incapaz de acolher o Messias que estava por *vir*, que já passava entre eles, *peregrinando* no meio de toda aquela gente, de modo especial entre os sofredores. Como não pensar em textos como o do filho de Timeu, cego e estaticamente sentado à margem da vida (Mc 10,46-52).

Jesus, o Messias, está *passando*. O cego grita. A mentalidade estática lhe diz “cala”. Jesus, porém, interrompe o caminhar, acolhe o cego indigente e o põe a caminho. Jesus para de caminhar para pôr alguém no caminho do Reino. É também interessante observar os milagres. Jesus, ao manifestar o Reino de Deus, através de prodígios, emite dois tipos de palavras, ambos ligados à mobilidade: ou diz “*Vai* (tua fé te salvou) ou convida: *Vem* (e segue-me). Nos dois casos, movimento.

Estes são apenas exemplos. Se nos deixarem, ficaremos longo tempo a recordar textos bíblicos e nossa lista aumentará em muito. Basta nos lembrarmos que “não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da que está por vir” (Hb 13,14). Somos sempre a Igreja que, à semelhança das moças que aguardam seu senhor voltar (Mt 25,1-13), a Ele diz incessantemente “*Vem*”. O fato é que sempre encontraremos mobilidade na experiência bíblica de Deus (um caso exemplar é a igreja pintada nos Atos dos Apóstolos).

Mobilidade, sim. Perda de identidade, não. Por certo, quando falamos em mobilidade, não estamos nos referindo ao que não se enraíza. Em geral, costumamos deixar uma planta quieta, exatamente para que crie suas raízes e se torne conseqüentemente firme. O paradoxo do Reino de Deus é que a mobilidade, quando vivida no compromisso com este Reino, no discipulado-missionário de Jesus Cristo, cria raízes, não aqui ou acolá, mas exatamente onde o Reino acontece: cria raízes no interior de cada pessoa e no conjunto de valores que compõem uma cultura. Despega-nos de tudo mais, desinstala, para que, livres, caminhemos (cf., 1Cor 9,24-27) rumo Àquele que, embora de condição divina, não permaneceu estático, mas viveu de modo extremo a mobilidade, que se esvaziou, fazendo-se um de nós, exceto no pecado (cf. Fl 2,6-11). Ao amar os seus até o extremo (cf., Jo 13,1), abandonou as seguranças da posição de Mestre (cf. Jo 13,4-15; Mc 10,35-45), deixando-se crucificar por amor de nós.

Por onde, então, deve passar a ação evangelizadora? Esta é a razão pela qual as atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora colocam, entre as *urgências*, exatamente a animação bíblica da vida

e da pastoral³. As mudanças de época são sempre tempos propícios para se redescobrir que o contato pessoal e comunitário com a Palavra de Deus é “lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo” (DGAE 45). Não se trata, insistem as Diretrizes, de uma espécie de modismo, atitude momentânea, fruto exatamente deste período histórico, em que tudo é passageiro, com posturas e opções que, logo em seguida, são descartadas. (Idem, 46). O contato orante, pessoal e comunitário com as Escrituras deve ser uma das características deste tempo. Por meio deste contato, o discípulo-missionário de hoje haverá de deixar a Palavra falar por si e, nela, encontrar o significado autêntico de uma experiência salvífica que, na mobilidade e na transitoriedade desta vida, é convite constante à perenidade do Reino de Deus.

1.4. Situação sociopolítica

No campo da política verifica-se ainda acentuada corrupção eleitoral e uma grande impunidade. As lideranças políticas estão mais a serviço de indivíduos, desconsiderando as necessidades do povo em geral. Há dificuldades para a formação de sindicatos, de associações e das pastorais sociais. “É inquestionável o enfraquecimento da política decorrente das mudanças culturais como a difusão do individualismo e, principalmente, do crescimento do poder dos grandes grupos econômicos, impondo suas decisões e substituindo as instâncias políticas, com riscos para a democracia. Certamente, houve desencanto e diminuição da confiança do povo nos políticos, nas instituições públicas e nos três poderes do Estado; em contrapartida, surgiram novos sinais de esperança e de empenho político, como muitas organizações alternativas, não-governamentais.”

Dentre os desafios sociais aqui analisados, a corrupção eleitoral é aquele que mais se destaca como algo que impede o bem comum ser alcançado. Por corrupção eleitoral, conforme Lei 4.737/65, art.

³ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Tertio Millenio Adveniente*, 40

299, entende-se “dar, oferecer, prometer, solicitar ou receber, para si ou para outrem, dinheiro, dádiva ou qualquer outra vantagem, para obter ou dar voto e para conseguir ou prometer abstenção, ainda que a oferta não seja aceita”.

Essa prática, infelizmente, acompanha a história nacional. Ela se apresenta de modo direto quando um candidato doa cesta básica, calçados, consultas médicas, prótese e dinheiro ou promete emprego ou cargo público a um eleitor. Ocorre também, de modo indireto e sutil, quando o candidato ajuda uma família em momentos existenciais difíceis, gerando uma dívida moral para com ele. O modo de pagá-la seria votando neste que lhe socorreu. A prática da corrupção eleitoral, em nosso meio, dá-se não apenas na direção candidato-eleitor, mas também o inverso, eleitor-candidato; vários cidadãos aguardam o tempo das eleições para procurar os candidatos, a fim de ganhar benefícios em troca do voto. É o cidadão que coloca seu voto à venda.

A corrupção eleitoral, por parte do eleitor, encontra suas raízes na injusta distribuição de bens gerando miséria, fome, analfabetismo, ignorância, doenças. Isso nos faz entender que a corrupção eleitoral não é um problema localizado, mas é, sobretudo, sintoma de algo mais grave. As injustiças sociais deformam as pessoas, fazem-nas viver preocupadas unicamente com a sobrevivência, onde o importante é garantir o bem-estar imediato. Por isso, aproveitam do momento eleitoral para ganhar o que lhes falta e resolver parte dos seus problemas.

O direito a uma educação de qualidade vem sendo negado à maioria da população, daí a multidão de brasileiros destituídos de espírito crítico, de modo a não serem capazes de perceber a importância da participação do cidadão na construção da democracia. Por parte do candidato, a corrupção eleitoral ocorre por ele buscar poder e acúmulo de bens a qualquer preço, onerando futuramente as verbas destinadas à comunidade, desconsiderando os valores éticos. Segundo SOUZA, “onde apenas o lucro é o critério, faz-se qualquer coisa para a obtenção de seus objetivos. Quando não se considera o bem comum, mas apenas o interesse de um determinado grupo, reina a corrupção”.

Além destes motivos, não se pode deixar de mencionar a perda do sentido comunitário da vida. No movimento da inversão dos valores, o bem comum, que favorece a vida do tecido social, cedeu lugar para o individualismo. Então, eleitores e candidatos pensam apenas em si, no próprio grupo ou partido. A corrupção eleitoral, candidato-eleitor, tem efeitos maléficos na sociedade. Por causa deste fenômeno, pessoas desonestas têm alcançado o poder por meio do voto. Elas não trabalham pelo bem comum, mas para si mesmas ou para seus grupos. Esta situação favorece a permanência do estado de injustiça social. As pessoas não crescem, e nem se tornam protagonistas da própria história e, novamente, se submetem à chaga da corrupção eleitoral. É um círculo vicioso que deforma o sistema democrático, cria um clima de desrespeito, desânimo e descrédito em relação às pessoas e instituições públicas. A corrupção eleitoral favorece a tomada do poder público por parte de pessoas incompetentes e de mau caráter. Vencendo as eleições, essas pessoas favorecerão a permanência da exclusão social que, por sua vez, é motivo para novas vitórias, pois elas voltam às campanhas eleitorais com falsas promessas de solução para a pobreza. Vale recordar o tema abordado pelo bispo nas suas cartas pastorais, sobretudo na *Dimensão profética da Igreja diocesana de 2009*.

1.5 Situação ética e moral

No campo da ética e da moral constata-se uma crise que perpassa todos os escalões sociais, educacionais, religiosos e culturais. O consumismo tomou conta e o critério de tudo é o prazer, o hedonismo. O povo é carente de formação que acenda o senso crítico, o que tem como consequência o permissivismo e o relaxamento diante dos valores cristãos.

A fragmentação dos referenciais de sentido e a relativização dos valores levam as pessoas a sentirem-se frustradas, ansiosas e angustiadas pela dificuldade de poder influir nos acontecimentos. Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se na intimidade do lar. Competindo com a sabedoria das

tradições, especialmente da família, deparamo-nos com a informação de último minuto, a distração, o entretenimento que torna difícil perceber a unidade de todos os fragmentos dispersos que nos chegam. A educação está concentrada nos centros urbanos. As crianças são deslocadas das comunidades e expostas a estressantes viagens cotidianas, prejudicando o rendimento escolar. O sistema de saúde é muito precário, deixando as pessoas em fila e, em muitos casos, ainda não são atendidas. O acesso a hospitais e tratamentos necessários é muito limitado.

1.6 Situação ecológica

No campo ecológico “a rica biodiversidade do Brasil, com seus diversos biomas - Amazônia, pantanal, caatinga, cerrado, mata atlântica, pampas -, tem suscitado especial cobiça internacional e tem sido aceleradamente destruída, até mesmo com a ameaça de extinção de suas espécies. A devastação ambiental da Amazônia e agressões à dignidade, à cultura dos povos indígenas, por parte de fortes interesses e grupos econômicos, se intensificam.”

Nossa diocese está dentro do bioma do cerrado e está padecendo por causa dos latifúndios, do agronegócio, queimadas, destruição das matas ciliares. Ao nosso entorno constatamos as seguintes situações de destruição do meio ambiente:

- A) Assoreamento de mananciais, rios e córregos;
- B) Destruição do Cerrado;
- C) Depredação da fauna típica do Cerrado e pesca predatória;
- D) Desmatamentos e queimadas;
- E) Águas poluídas por agrotóxicos e demais produtos químicos;
- F) Agricultura desordenada e monopolizada (plantio de soja, eucalipto e cana-de-açúcar); aqui o aumento da produção de soja está ligado ao uso de agrotóxicos;

- G) Poluição do ar, sonora e do lixo doméstico;
- H) Ausência em muitas cidades de um local adequado para o tratamento do lixo.

Grandes projetos locais: Mineração em Montes Claros e Jau-paci; 3 Usinas de álcool; Barragem em Piranhas; há um projeto de construir uma barragem em Doverlândia que impactaria parte dos Assentamentos da região; Carvoarias em Caiapônia, Doverlândia, Bom Jardim, Aragarças com foco de casos de trabalho escravo.

Sobre a mineração em Cachoeira de Goiás é interessante que os próprios agentes de pastoral a serem abordados para nos informar a quantas anda a situação, ninguém se posiciona, ninguém parece saber do que se trata, enfim. A nossa despreocupação com a realidade social é prova da fragilidade de unir fé e vida.

A Terra tem sido destruída por várias razões. O ensinamento social da Igreja tem mencionado as causas desses problemas: “na origem de tais problemas pode identificar-se a pretensão de exercer um domínio incondicional sobre as coisas por parte do homem”. Isso se verifica no modelo econômico predominante, onde o capital é considerado um bem absoluto.

1.7. Realidade dos Assentamentos e Pré-assentamentos

Há aproximadamente 66 Assentamentos e Pré-assentamentos de Reforma Agrária, num total de 2.900 famílias, tendo um total de 11.514 pessoas assentadas. Na nossa diocese a luta na terra a cada ano surge com novos desafios que precisam ser enfrentados com muita atenção. Com o avanço do agronegócio os assentados são incentivados a deixar a luta na terra, muitas vezes vendendo as parcelas, correndo o risco de uma nova concentração de terras. Também tem casos crescentes de aluguel ou arrendo das parcelas para fins da monocultura do agronegócio, com uma tendência para o plantio de cana-de-açúcar e com isso vem aumentando a violência

contra a própria vida dos camponeses e das camponesas. Com a falta de formação e acompanhamento técnico “sério” os assentados recebem os créditos, mas não fazem um bom investimento, desviando os recursos para “coisas supérfluas”. Podemos afirmar que a reforma agrária não é uma política prioritária para o governo, prova disso é a lentidão em relação às questões relacionadas à infraestrutura nos assentamentos existentes como estradas (eixões), instalação de poços artesianos, entre outros e também faltam políticas públicas de qualidade como: lazer, educação, saúde. Os benefícios priorizados nestes últimos 05 anos estão relacionados às moradias que foram melhoradas e eletrificação nas parcelas. O individualismo e o egoísmo são elementos que têm dificultado as boas relações entre os assentados e a luta por um projeto maior que os ajudem a sair das dependências do governo e das dificuldades. Com o trabalho de formação da CPT temos conseguido junto a algumas famílias resgatar o trabalho em mutirões, a troca de serviço, a fraternidade. Também temos apontado novas formas de trabalhos com a terra: a diversificação da produção, quintais agroecológicos e a agroecologia, que é produzir sem veneno para garantir a própria sobrevivência e da natureza.

Na perspectiva da terra prometida temos 18 acampamentos com cerca de 712 famílias, aproximadamente 2.822 pessoas. Podemos afirmar que, na atualidade, temos um pouco mais de facilidade em organizar as famílias, por outro lado, temos enfrentado o avanço do agronegócio que dificulta uma melhor estratégia de Reforma Agrária. Também os Movimentos de luta pela terra (STR's, MST e SINTRAF's) têm sido apáticos em lutas mais concretas, deixando muitas vezes as famílias desamparadas, por anos que se estendem debaixo da barraca, tendo que esperar muito pela terra prometida. Outro fator que favorece a demora para que a terra saia é a lentidão do INCRA e a não prioridade do governo em relação à reforma agrária. A política do INCRA/governo de cortar as parcelas somente em três ou quatro alqueires, sem considerar a realidade e as condições da terra que, na sua maioria, estão exploradas e enfraquecidas provoca um desânimo nos acampados que estão à espera e desmotiva os que ainda não entraram na luta.

Com isso a política do crédito fundiário ganha força e seus corretores convencem os trabalhadores dizendo que é melhor comprar terra do que ficar debaixo de barracas por vários anos para depois receber três ou quatro alqueires. A política de reforma agrária de mercado tem chegado com muita força na Diocese e, com isso, temos 16 assentamentos do Banco da Terra e do Crédito Fundiário com 558 famílias, somando aproximadamente 2.232 pessoas assentadas nestes programas.

Na verdade eles foram programados para o dobro de famílias, mas hoje tem só a metade, pois há muitas desistências e comercialização gerando concentração de terras, em função de abandono total dos órgãos empreendedores dos mesmos e por haver muitos desmandos por parte de presidentes e coordenadores das cooperativas deste tipo de assentamento. Depois de criados estes projetos viram “uns filhos sem pai” e os problemas existentes são gravíssimos como desvios de dinheiro e terras superfaturadas, colocando assim os trabalhadores endividados com contas impagáveis. Há propostas e incentivos fortes por parte dos STR’s (Sindicatos dos Trabalhadores Rurais) de mais projetos do Crédito Fundiário para a Diocese.

Cerca de 11.825 famílias são agricultores familiares tradicionais representando 60% da população rural. A agricultura familiar, hoje, está em crise. A ligação com o agronegócio criou muita dependência tanto econômica como no produto cultivado, na tecnologia empregada e na semente. Muitas famílias, nessa integração com o agronegócio, vêm perdendo a sua cultura e os valores. Por outro lado, esta construção ideológica provocou a intensificação da resistência. Uma minoria está ligada aos STR’s (Sindicatos dos Trabalhadores Rurais), da Federação dos Trabalhadores Rurais do Estado de Goiás (FE-TAEG) e aos Sindicatos dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF’s), ligados à Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (FETRAF). É bom observar que há também trabalhadores da agricultura familiar que, por falta de esclarecimento, estão ligados ao Sindicato Rural – Patronal. Quanto aos trabalhadores assalariados há 7.033, em torno de 30% da população rural. Existem também os

trabalhadores assalariados nas usinas de cana-de-açúcar, do plantio do algodão, tomate e da soja e os diaristas, que nestes números, não são considerados, pois em sua maioria são migrantes. Os camponeses e as camponesas da Diocese sempre estiveram à mercê da política agrícola estabelecida pelo país. Os pequenos produtores são expulsos do seu pedaço de chão pelo processo de endividamento ou são agregados ao latifundiário. Há um grande índice de empobrecimento dos camponeses e das camponesas. A desigualdade social, a violência e a pobreza que existem no campo são frutos da má distribuição de renda e de uma política agrícola que não responde à necessidade dos trabalhadores e das trabalhadoras.

Na Diocese estão organizados as associações, as cooperativas, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), o Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Pastoral da Juventude Rural (PJR) que, aliás, esta última está meio desestruturada. As Associações dos Trabalhadores Rurais nos assentamentos passam por momentos difíceis. A maioria delas não está conseguindo responder às necessidades locais e seus objetivos. Há problemas nas coordenações com a metodologia de trabalho, com a formação de membros e até com as questões de transparência no trabalho. Os associados não contribuem para o funcionamento da associação, alegando que não acredita no papel desenvolvido, mas ao mesmo tempo cobram da coordenação que façam alguns encaminhamentos. Em algumas comunidades tradicionais as associações de pequenos produtores funcionam bem como, por exemplo, a Associação da Comunidade do Taquari e do Buriti, ambas de Iporá que se organizam na produção da farinha com uma fábrica própria e na produção de artesanatos e doces feitos pelas mulheres. Como alternativa e disputa de poder estão criando cooperativas em alguns lugares. Umás estão tendo sucesso e outras já nascem falidas. Aqui é bom trazer as cooperativas criadas nos Assentamentos do Banco da Terra porque todas têm muitos problemas com presidentes que se acham dono de tudo e todos, com desvio de verbas e falta de transparência. Mas há algumas cooperativas organizadas fora de assentamentos, porém organizadas

por assentados que estão dando certo como, por exemplo, a Cooperativa do Leite de Doverlândia.

Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR's) estão organizados em todos os municípios da Diocese. Em muitos lugares estão limitados praticamente ao trabalho de previdência social, apesar de terem filiado aos sindicatos os 44 assentamentos dos 48 que existem na diocese e os 16 acampamentos dos 23 existentes. Muitas vezes não se consegue dar uma assistência direta com acompanhamento e formação. Outro impasse é que muitos sindicatos “abraçam” fazendo campanha e incentivando para o Crédito Fundiário. Em alguns municípios são atrelados a políticos corruptos e aos latifundiários.

Os Sindicatos dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (SINTRAF's) têm como objetivo apoiar e acompanhar especificamente os trabalhadores na agricultura familiar. Portanto, na diocese estão com 01 pré-assentamento e 04 acampamentos. Têm três sindicatos, um no município de Doverlândia com muitos problemas como falta de metodologia da coordenação, falta de esclarecimento sobre o processo sindical. O outro é no município de Caiapônia, mas responde pelos municípios de Palestina de Goiás e Caiapônia, o qual vem fazendo um trabalho de acompanhamento e formação aos trabalhadores e o outro é no município de Aurilândia. O MST está em 06 (seis) municípios da Diocese com 03 acampamentos e 03 assentamentos e, devido à forma de atuação das lideranças com atitudes autoritárias, faz com que os assentados e os acampados se afastem do próprio movimento. No entanto, não consegue atuar amplamente com os seus assentamentos.

Conclusão: No nascimento da CPT em plena ditadura militar, a organização significava o comunismo e este deveria ser banido. Já para os trabalhadores a organização era o meio para colocar outro projeto de cidadania. A CPT trouxe esperança, profecia e denúncia (A. Chagas). A CPT nasceu na hora certa onde a conjuntura pedia seu nascimento, hoje ela tem mais dificuldade em se afirmar e deveria ser o contrário (Ir. Dirlene). Nós achamos que a Igreja hoje preocupa-se em ser espiritualista e não missionária/profética, com

número e não com qualidade. Há aumento de número dos evangélicos neopentecostais, inclusive nos Assentamentos e isto é complicado, pois desarticula a luta. A Igreja Católica (Padres) precisa dar uma assistência nos Assentamentos e Comunidades, pois os evangélicos colocam pastores que moram no local, que visitam as pessoas e regam facilidades/ Deus mágico, enquanto que o padre vai somente uma vez ao mês e para pouco nos locais. Desafios da CPT: provocar o povo a sair do isolamento, trabalhar a formação com os(as) trabalhadores(as). A CPT atua como parceira e como socorro em situações de dificuldades. Falta fazer articulação das forças locais, criar redes e envolver o CODIPA (Conselho Diocesano de Pastoral). A sugestão é que a Diocese coloque um Padre ou Religiosa para acompanhar a CPT (referência), pois isto fortalece os trabalhos, os Padres respeitam mais.

1.8. Cenário eclesial-religioso

No campo religioso nossa diocese é atingida também pela mentalidade individualista que não combina muito com a afirmação de que somos filhos do mesmo Pai. O indivíduo, “mesmo aderindo a uma instituição religiosa, tende a escolher crenças, ritos e normas que lhe agradam subjetivamente ou se refugia numa adesão parcial, com fraco sentido de pertença. Na linguagem de HERVIEU-LÉGER, Danièle (*Le Pèlerin et le converti. La religion en mouvement*) é o “crer sem ser” ou “crenças sem pertença”. Sobre a pertença e suas consequências basta conferir o rico material produzido pela própria diocese [*Espiritualidade Diocesana, 2003, Teologia da Igreja Particular, 2008, Espírito de pertença à Igreja Diocesana: Jubileu de Ouro de 1981-2011* (Carta Pastoral 2010-2011)].

Também se constata uma tendência à inversão de sentido da experiência religiosa, isto é, a religião não é tanto vivida como uma forma de reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, obediência na fé, serviço a Deus e vivência comunitária e sim como utilidade, por oferecer bem-estar interior, terapia ou cura de males, sucesso na vida e nos negócios [*Carta Pastoral 2004: Orientações pastorais para 2005*]. Cresce o número de pessoas e grupos independentes.

Expressões religiosas novas afirmam sem mais a inocência dos indivíduos, de modo que ninguém deve se sentir pecador ou culpado. Isso tem como consequência o desinteresse para corrigir o que está errado na sociedade, “na qual convivem, estranhamente, muita religiosidade e muita criminalidade, busca de Deus e injustiça.”

Ainda no cenário religioso, temos:

- ✓ A multiplicação das novas denominações religiosas: os “evangélicos”, o neopentecostalismo; a “teologia da prosperidade”.
- ✓ o “mercado” religioso, com estratégias de marketing; o crente visto como consumidor; a satisfação das necessidades pessoais; o proselitismo e a competição; o risco de ser “Igreja” de mercado; a ausência da questão social ou militância política corporativista; enfraquecimento ou ausência do profetismo e do “martírio”. [*Carta Pastoral 2009: Dimensão profética da Igreja diocesana*].
- ✓ No mundo católico a presença de padres cantores com suas missas shows tem suscitado novo ‘paradigma’ do modo de ser padre; Isto, nos cultos em que o altar vira palco e o celebrante que poderia, sim, ser alegre, comunicativo, acolhedor, resolve ser o ator principal com alguns coadjuvantes chamados banda católica. Esse é atualmente o modo exemplar de ser padre. Ele aparece nas mais prestigiadas redes de TVs, mas nunca fala, quando está no ar, criticamente sobre o Big Brother ou alguma injustiça social. É o presencialismo que dá IBOPE, mas sem efeito.
- ✓ a satisfação das necessidades pessoais e imediatas (consumismo religioso), a livre escolha religiosa; o indivíduo acima da instituição (o padre ou pastor procurado mais do que a instituição religiosa).
- ✓ a privatização do religioso, a desinstitucionalização da religião; uma concepção equivocada da laicidade do Estado (laicismo), com a religião confinada à esfera privada.
- ✓ aumento dos que se declaram “sem religião” e grande percentual de “católicos não-praticantes”, sem participação na comunidade eclesial.

- ✓ compreender este cenário não para se acomodar nele, mas para buscar transformá-lo a partir de posturas pastorais adequadas.

Em nossa diocese, há, contudo, sinais de esperança. Existe grande empenho na vivência da fé, na formação de grupos de reflexão e de lideranças. Nota-se grande incentivo à participação e ao engajamento na vida da comunidade. Intensificam-se sempre mais a formação para lideranças, sobretudo bíblico. As celebrações são participativas e o despertar da consciência para o dízimo está crescendo, mas ainda constata-se, em nossa diocese, aspectos desafiadores como:

- ✓ O desconhecimento doutrinal que faz com que as pessoas não assumam a responsabilidade de Ser Igreja que, conseqüentemente, sobrecarrega a uma minoria. [*Teologia da Igreja Particular 2008 e Carta Pastoral 2011: Espírito de pertença à Igreja diocesana jubileu de ouro 1961-2011*]
- ✓ Uma Igreja ainda demasiadamente clerical, carente de lideranças leigas que fortaleçam o discipulado e a missionariedade na Igreja.
- ✓ Uma Igreja carente de unidade e corresponsabilidade presbiteral. E aqui, atualmente vivemos algumas mudanças: a primeira é a passagem do clero religioso (passionista) para o clero quase autóctone diocesano; a segunda mudança é que esse clero também é jovem e, portanto, a configuração do presbitério muda substancialmente.
- ✓ Uma Igreja concentrada nos adultos, descuidando-se dos jovens e das crianças.
- ✓ Uma Igreja com a estrutura paroquial geograficamente delimitada e centralizada na matriz, especialmente, nos centros urbanos maiores, onde a vida das pessoas acontece numa diversidade de espaços geográficos. No novo contexto sociocultural se torna um desafio à paróquia se fazer presente [rede de comunidades]. [*Carta Pastoral 2011: Diocese – Igreja em constante construção, p. 28-29*].

- ✓ Uma Igreja demasiadamente voltada para si, esquecendo as grandes necessidades e urgências sociais.
- ✓ Uma Igreja que ainda não conseguiu abraçar a pastoral ORGÂNICA, ocorrendo, muitas vezes, por isso, uma lamentável concorrência entre pastorais e movimentos, faltando assim a solidariedade entre paróquias, entre pastorais e movimentos. Apesar de avanços maduros, os dois movimentos mais presentes em número na Diocese [Renovação Carismática e Cursilho] ainda se sentem cristão do carisma do movimento e além de não favorecer uma pastoral orgânica tendem interpretar a dimensão profética preferentemente na tônica moralista e não no sentido realmente crítico-social.
- ✓ Uma Igreja com fraca ação das REGIÕES na dinamização das pastorais, no fortalecimento do presbitério e na valorização da região.
- ✓ Uma Igreja em que os leigos sentem-se despreparados para participar na transformação social, econômica e política.
- ✓ Uma Igreja que ainda não sabe valorizar o uso dos meios de comunicação social, mesmo tendo avançado econômica e tecnicamente na manutenção das várias rádios. **Rádio AM Rio Claro, Rádio FM Felicidade, Rádio AM Serra Azul, Rádio AM Vale da Serra e Rádio Vale FM.**
- ✓ Uma Igreja que se depara com uma grande migração religiosa pelo crescimento de grupos religiosos autônomos. É normal o trânsito religioso: ontem fui católico, hoje sou crente da Assembleia de Deus, mas amanhã serei da Universal.
- ✓ uma Igreja que ainda não desenvolveu um trabalho sistemático nos presídios; não enfrenta a questão da saúde; indiferente ao trabalho sazonal; uma Igreja que ainda não abriu os olhos para realidade: falta-lhe uma análise de conjuntura da realidade das mineradoras, do impacto que causará a construção da Ferrovia Norte-Sul, duplicação da GO 060;

- ✓ Uma Igreja que ainda não percebeu que a experiência da vida eclesial acontece na paróquia; espera-se tudo da diocese, faltando assim formação paroquial sistemática; falta também formação e conscientização para o dízimo;
- ✓ Uma Igreja com pouca presença nas escolas e faculdades onde se encontram considerável número de jovens distantes da vivência dos valores cristãos. Diante desta constatação, há uma necessidade de uma forte vivência da fé ligada à vida. Percebe-se que a vivência da Espiritualidade nas Escolas não é coerente com a proposta da Igreja. (Cf. DAp, n. 328-329). Vários cristãos católicos membros do corpo docente das escolas, parecem não conhecer, nem seguir as exortações da Igreja. Não seria o momento da pastoral da Educação oferecer um pequeno projeto com temas a serem trabalhados?

Diante de toda essa realidade que nos interpela, nossa diocese é chamada “a uma verdadeira conversão pastoral. Essa conversão exige que se vá para além de uma pastoral de mera conservação, para uma pastoral decididamente missionária. Uma verdadeira conversão pessoal e pastoral deve estimular-nos e inspirar-nos atitudes e iniciativas de autoavaliação e coragem de mudar várias posturas pessoais e estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Temos necessidade urgente de viver na Igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo: o Reino de Deus, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por este Reino, o Senhor deu a vida.” Fortalecer o diálogo com o mundo, a educação e com os meios de comunicação social, apoiar a formação de leigos que possam atuar nos conselhos, sindicatos e associações.

Cinco Opções Fundamentais:

PRIMEIRA URGÊNCIA

No princípio era a Palavra – a Palavra tem casa: Igreja como lugar de animação bíblica da vida e da pastoral:

Nas Diretrizes a **Igreja como lugar da Animação Bíblica da vida e da pastoral** aparece na terceira urgência, mas, em Assembleia, decidimos escolhê-la como AZEITE METODOLÓGICO que manterá a chama acesa de nossa caminhada. Por quê? - PORQUE A PALAVRA É... *como a chuva e a neve que caem do céu para lá não voltam sem antes molhar a terra e fazê-la germinar e brotar, a fim de produzir semente para quem planta e alimento para quem come,*¹¹ *assim também acontece com minha palavra: Ela sai da minha boca e para mim não volta sem produzir seu resultado, sem fazer aquilo que planejei, sem cumprir com sucesso a sua missão (Is 55,10-11);* - PORQUE A PALAVRA É COMO FOGO... *Pensei: “Nunca mais hei de lembrá-lo, não falo mais em seu nome!” Mas parecia haver um fogo a queimar-me por dentro, fechado nos meus ossos (Jr 20,9);* - PORQUE A PALAVRA É COMO LUZ... *Lâmpada para meus passos é tua palavra e luz para o meu caminho (Sl 119,105).*

Certamente, não existe um único caminho para o contato com a Palavra de Deus. Indispensáveis são a abertura de coração, a entrega de si mesmo nas mãos do Espírito Santo, a partilha da Palavra em

comunidade e o firme empenho para que a Palavra seja colocada em ação. Sabemos que a Igreja se alimenta sem cessar da Palavra de Deus. Sabemos que a Palavra é proclamada na Liturgia, rezada nos Rosários, nos Ofícios e outras formas de oração. Sabemos que muitos grupos usam a Bíblia em suas atividades e que a experiência dos Círculos Bíblicos é antiga. Estas certezas foram relatadas na Assembleia de 2011. Se, no passado distante, houve um tempo em que as pessoas nem podiam ler a Bíblia, este tempo já se foi e não vale mais ficar falando nisso. Atualmente, cresce, com a Graça de Deus, o número dos católicos que descobrem a Bíblia, apaixonam-se por ela, trazem-na para a vida e a levam a outras pessoas. O problema, se assim podemos falar, é que precisamos avançar bem mais. Na Diocese é claro o esforço do bispo na criação das Escolas Bíblicas e nós aproveitaremos todo o caminho bonito e frutuoso que já fizemos.

Fundamento teológico dessa urgência:

Nos últimos tempos a Igreja em todos os continentes fala, quando faz referência à presença da Palavra de Deus na sua vida e missão, de **Animação Bíblica da Pastoral (ABP)**. Trata-se de uma nova linguagem e uma nova compreensão. Os participantes do Sínodo dos Bispos, realizado em outubro de 2008, sobre a “Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”, apontaram definitivamente para esta nova linguagem e nova compreensão, quando afirmam na Proposição 30: “A ‘pastoral bíblica’ não deve ser justaposta com outras formas da pastoral, mas deve ser entendida como ‘animação bíblica de toda a pastoral’”. Na mesma linha já ia o texto preparatório para o Sínodo, o *Lineamenta*: “Uma pastoral ‘bíblica’, ou melhor, uma ‘pastoral constantemente animada pela Bíblia’, é uma exigência que hoje se propõe a toda a comunidade na Igreja” (nº. 21). Também o Instrumento de Trabalho do Sínodo já dizia: “Há a necessidade de uma pastoral ‘bíblica’ como uma ‘animação bíblica de toda a pastoral’, que inclua o ensino de todas as verdades da fé” (nº 3). Afirma-se no Documento de Aparecida: “devido à ‘Animação Bíblica da Pastoral’, aumenta o conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela” (DAp 99^a).

O Papa Bento XVI, apresentando a Igreja Universal com a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*, é enfático em afirmar: “Desejo indicar algumas linhas fundamentais para uma redescoberta, na vida da Igreja, da Palavra divina, fonte de constante renovação, com a esperança de que a mesma se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial” (VD 1).

Nesse sentido, nossa **Escola Bíblica** pode ser trampolim para uma pastoral animada biblicamente. Isso exige de ministros leigos da Palavra, coordenadores de comunidades, pastorais e movimentos, religiosas, diáconos, padres e bispo uma aproximação à Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com coração ‘faminto de ouvir a Palavra do Senhor’ (Am 8,11). Da busca de entender a **Animação Bíblica da Pastoral** descrita acima e iluminados pelo episódio do “diácono Filipe encontrando-se com o eunuco etíope” (cf. At 8,26-40; *poderia-se tomar igualmente o episódio dos “discípulos de Emaús”, Lc 24,13-35, da “Lídia de Filipos”, At 16,11-15, de “Maria de Betânia”, Lc 10,38-42*) se deduzem três funções básicas da Animação Bíblica da Pastoral:

PRIMEIRA FUNÇÃO

ser Caminho de Conhecimento e Interpretação da Palavra.

SEGUNDA FUNÇÃO

ser Caminho de Comunhão e Oração da Palavra;

TERCEIRA FUNÇÃO

ser Caminho de Evangelização e Proclamação da Palavra.

A) Ações comuns com as quais todas as paróquias e movimentos devemos nos comprometer:

- ✓ Participar do Encontro Bíblico anual;
- ✓ Revitalizar os Círculos Bíblicos nas comunidades; Os Círculos

Bíblicos, como privilegiado caminho para a formação permanente de jovens e adultos.

- ✓ Criar a Escola Bíblica Paroquial;
- ✓ Fazer da Leitura Orante (Lectio Divina) uma realidade permanente nas reuniões, CPPs, CRPs, Assembleias e momentos fortes da caminhada.

O QUÊ E COMO COMEÇAR?

- a) Fazer um levantamento das Paróquias que não realizam a Escola Bíblica e Círculos Bíblicos nas comunidades, por região. O mesmo será estimulado pelo coordenador da Escola Bíblica da região em parceria com o Conselho de Pastoral Regional [CRP];
- b) Criar coordenações paroquiais que animem e articulem a Escola Bíblica e Círculos Bíblicos nas comunidades;
- c) Garantir a participação de jovens, de ministros Extraordinários da Comunhão e da Palavra, catequistas, responsáveis por encontros com pais e padrinhos, coral, secretárias nos encontros bíblicos regionais e nas 27 paroquiais;
- d) Criar uma equipe regional de assessores itinerantes e multiplicadores;
- e) A coordenação diocesana da Escola Bíblica em comunhão com o Bispo e Coordenação de Pastoral Diocesana oferecerá ou sugerirá o material a ser usado nas Escolas Bíblicas paroquiais e regionais, como também, material para a prática dos Círculos Bíblicos nas comunidades, setores e grupos da zona rural.

QUEM (motiva)?

- ✓ Bispo, a Coordenação Diocesana de Pastoral, Coordenadores da Escola Bíblica regional, Assessores dos Decolores e RCC, Maanain, párocos e os Conselhos Pastorais Paroquiais, líderes de comunidades e religiosas.

QUANDO?

No primeiro semestre de 2012 fazer o levantamento e revitalizar as práticas: Escola Bíblica Paroquial, Círculo Bíblico e Leitura Orante.

Projeto de formação 2012-2015:

Durante o quadriênio 2012-2015 a Palavra de Deus estará em primeiro lugar como eixo fundamental e inspirador de nossa formação. Caminharemos nos trilhos das cinco urgências, ou seja, cada ano o tema estudado biblicamente será uma das urgências:

- 2012** [2º urgência: Igreja como lugar da iniciação à vida cristã]. A experiência do iniciado, a experiência de ir, ver, experimentar, permanecer e anunciar, sobretudo no quarto Evangelho.
- 2013** [4º urgência: Igreja - comunidade de comunidades]. Aqui podemos pensar nas várias comunidades paulinas com seus carismas particulares, sobretudo, as duas cartas aos Coríntios ou quem sabe as cartas pastorais;
- 2014** [1º urgência: Igreja em estado permanente de missão]. Tipos típicos da missão na realidade bíblica. Aspectos teológicos da missão bíblica;
- 2015** [5º urgência: Igreja a serviço da vida plena para todos]. A justiça social nos profetas, a dimensão social da fé, fé e vida.

META E PERSPECTIVA DE AÇÃO ou Sonhos pastorais de Animação Bíblica da Pastoral a partir de cada função:

PRIMEIRA FUNÇÃO

No Caminho de Conhecimento e Interpretação da Palavra

A Animação Bíblica da Pastoral enquanto Caminho de Conhecimento e Interpretação da Palavra, precisa ter presentes várias linhas de ação:

1. Continuar e intensificar o estudo permanente, sistemático e profundo da exegese bíblica nos Centros de formação teológico-

pastoral. É dessa formação bíblica aprofundada que teremos a garantia de uma Animação Bíblica da Pastoral segundo a verdadeira tradição eclesial.

2. Promover corajosa e intensamente o estudo iniciático da interpretação bíblica para as lideranças pastorais, através de formas criativas e múltiplas. O Povo de Deus tem o direito e dever de ser o sujeito do conhecimento e da interpretação da Sagrada Escritura para compreender, acolher, celebrar e viver a Palavra de Deus como discípulo missionário de Jesus Cristo.
3. Proporcionar a Leitura Orante (principalmente através do método da Lectio Divina) a todas as instâncias pastorais (grupos, movimentos, pastorais, associações, organismos...), também como aprendizado comunitário para compreender, acolher, celebrar e viver a Palavra de Deus.
4. Disponibilizar amplo material bibliográfico (simples e fundamental) para todos os batizados na sua busca necessária de formação bíblica.
5. Elaborar e divulgar, o máximo possível, subsídios bíblicos que abordem explicações de textos e temas bíblicos com interpretações atualizadas, seguras e interpelantes da Palavra de Deus para o hoje da história. Há uma necessidade enorme de fazer chegar, às mãos de todos, os “recursos de uma leitura bíblica”.
6. Acentuar, na catequese, o aprendizado do uso da Sagrada Escritura para o encontro com a Palavra de Deus Encarnada. A Bíblia/Sagrada Escritura é o livro por excelência da Catequese.
7. Usar os Meios de Comunicação Social para levar um conhecimento melhor das Sagradas Escrituras.
8. Continuar a fazer o esforço para que todo o batizado tenha a Bíblia em sua casa, em vista de um encontro diário (pessoal/familiar) com a Palavra de Deus pelo estudo, reflexão, oração e vivência.

SEGUNDA FUNÇÃO

No Caminho de Comunhão e Oração da Palavra

A Animação Bíblica da Pastoral, enquanto Caminho de Comunhão e Oração da Palavra, precisa ter presentes várias linhas de ação:

1. Valorizar e viver a presença e a ação da Palavra de Deus na Liturgia.
2. Tornar conhecido o método da *Lectio Divina* (com seus passos da LEITURA, MEDITAÇÃO, ORAÇÃO e CONTEMPLAÇÃO/AÇÃO) para todos os batizados, em vista de uma Leitura Orante da Sagrada Escritura.
3. Incentivar a Leitura Orante (usando principalmente o método da *Lectio Divina*) diária de textos da Bíblia (algo prático é tomar os textos bíblicos propostos para a Liturgia diária) como momento de oração e de alimento de espiritualidade, seja individual ou familiar. Precisamos aprender a rezar com a Palavra de Deus.
4. Criar condições e realizar a Leitura Orante nas reuniões das instâncias pastorais (grupos, movimentos, pastorais, associações, organismos...) como momento de oração e de fundamento de espiritualidade, em vista de uma animação bíblica da ação evangelizadora, decorrente dos membros e das instâncias pastorais. É a Palavra de Deus que é o CORAÇÃO da pastoral, animando e dando critérios, mística e caminhos.
5. Organizar e realizar retiros (paroquiais, comunitários, das instâncias pastorais...) centrados na compreensão, atualização e interpeção da Palavra de Deus, em vista de um encontro com a Palavra de Deus Encarnada, de um confronto vital com a Revelação Divina e de um compromisso evangelizador a partir da Palavra de Deus.
6. Elaborar, divulgar e oferecer subsídios operativos e contextualizados de espiritualidade bíblica para a leitura, a oração e o fortalecimento da ação evangelizadora.

7. Acentuar, na catequese, a centralidade da Sagrada Escritura como Palavra de Deus, intensificando o período da educação da e na fé para um confronto vital com a Palavra de Deus e tornando-a fonte e alma para o discipulado e a missão. Pela catequese mistagógica, tornar a Palavra de Deus alimento saboroso em vista da “maturidade em Cristo”.

TERCEIRA FUNÇÃO

No Caminho de Evangelização e Proclamação da Palavra

A Animação Bíblica da Pastoral, enquanto Caminho de Evangelização e Proclamação da Palavra, precisa ter presentes várias linhas de ação:

1. Implantar a prática da Leitura Orante (usando principalmente o método da Lectio Divina) nas reuniões de todas as instâncias pastorais (grupos, movimentos, pastorais, associações, organismos...) para, a partir da Sagrada Escritura, animar toda ação evangelizadora dos membros e das instâncias pastorais. Podem-se tomar textos bíblicos seguindo a escolha de um roteiro próprio ou os textos da Liturgia Dominical (a vantagem de usar esses últimos consiste em ser uma forma de preparar-se para uma melhor acolhida e celebração da Palavra de Deus dominical). Essa prática da Leitura Orante nas reuniões das instâncias pastorais é uma forma muito prática de realizar uma contínua “animação bíblica da pastoral”. Trata-se também de uma Leitura Orante de caráter comunitário.
2. Ampliar, o máximo possível e de forma criativa, o entendimento e a assimilação da Leitura Orante (usando principalmente o método da Lectio Divina) através de cursos, de subsídios, de oficinas.
3. Promover, especialmente em nível paroquial/comunitário, encontros para a reflexão bíblica, para que, a partir dessa reflexão, haja um aprofundamento da Palavra de Deus em vista dos prin-

cípios, a mística e os caminhos que ela nos proporciona para a ação evangelizadora, educando-nos para a conversão e o anúncio transformador da sociedade.

4. Aproveitar os Grupos de Reflexão (também chamados de Círculos Bíblicos, Grupos de Família, Grupos de Preparação para o Natal/Páscoa...) existentes na nossa Diocese para oferecer-lhes roteiros bíblicos que introduzam para a Leitura Orante (usando principalmente o método da Lectio Divina). O resultado será uma verdadeira “Escola” de Evangelização Inculturada para esses Grupos.
5. Aproveitar o Projeto “O Brasil na Missão Continental” para uma aproximação maior com a Palavra de Deus como inspiração, fonte, meio e vivência da missão na sociedade.
6. Multiplicar e agilizar Promoções Bíblicas (tipo: Mês da Bíblia, Gincanas Bíblicas, Semanas Bíblicas, Celebrações de Religiosidade Popular de cunho bíblico...) para que a Palavra de Deus se torne o paradigma do ser e agir dos fiéis católicos em geral.
7. Usar corajosamente os Meios de Comunicação Social para proclamar o “Verbo Encarnado sobre os telhados”.
8. Incentivar a busca e o uso das novas linguagens, dos novos meios e dos novos métodos da cultura midiática contemporânea para levar a Palavra de Deus a todos. Neste sentido o Projeto “Lectonautas” deve receber todo o apoio, sobretudo para os jovens.
9. Usar frequente e adequadamente a Bíblia na catequese de iniciação à vida cristã, praticando a Leitura Orante. A Bíblia era o “manual de catequese” dos primeiros cristãos e toda a sua ação evangelizadora (até mesmo o martírio) era animada pela Palavra de Deus.
10. Fomentar a leitura comunitária e encarnada da Palavra de Deus nas Comunidades Eclesiais de Base ou nas pequenas comunidades e movimentos, como Decolores, RCC, enfim.

11. Ajudar as pequenas comunidades a pautar sua vida, espiritualidade e missão, tendo como eixo estruturador e dinamizador a Palavra de Deus, fonte de comunhão fraterna, discernimento e compromisso transformador.
12. Elaborar subsídios bíblicos para os tempos litúrgicos que ajudem os agentes pastorais a animar sua pastoral (ação evangelizadora) a partir e com a Sagrada Escritura.

Esquema para fazer o levantamento dessa Primeira exigência... Como fazer para que um número cada vez maior de católicos possua a Bíblia? Os preços das Bíblias têm sido acessíveis à sua comunidade? Como vocês resolvem a questão do preço das Bíblias? Sua comunidade tem algum projeto para que todos tenham a Bíblia? Como sua paróquia ajuda as pessoas a se familiarizarem com a Bíblia? Como são os cursos bíblicos? Quem os organiza? Quem dá os cursos? São convidadas pessoas de fora ou são os próprios membros da comunidade que dão os cursos? Quanto tempo de duração para os cursos bíblicos? Existe alguma exigência para participar dos cursos (escolaridade, idade etc.)? Que outros momentos, além das missas, sua comunidade oferece para que a Palavra de Deus seja mais difundida? Quais os resultados obtidos? Sua comunidade enfrenta o problema do analfabetismo? Como sua comunidade faz para que os impedidos de ler tenham acesso à Bíblia? O que fazer para que os Círculos Bíblicos sejam mais difundidos e esta força evangelizadora se integre mais? O que fazer para que a Leitura Orante da Bíblia seja efetivamente assumida pelas comunidades? Sua comunidade possui um grupo especialmente dedicado a animar todas as pastorais, movimentos e associações com a Palavra de Deus? Caso este grupo exista, descreva como funciona? Caso não exista, por que não existe? Você percebe a importância da criação deste tipo de grupo ou não? Por quê? Como sua comunidade acredita que deva ser o Ministério da Palavra? Apenas para as celebrações da Palavra quando o padre não puder comparecer? Em que outras situações um(a) Ministro(a) da Palavra poderia atuar?

SEGUNDA URGÊNCIA

A Palavra tem voz e quer estabelecer um diálogo: Igreja como casa de iniciação à vida cristã, ou seja, UMA IGREJA VOLTADA PARA A INICIAÇÃO E A REINICIAÇÃO CRISTÃS

- ✓ aprofundamento e formação para os responsáveis para encontros de preparação para pais e padrinhos, e também noivos;
- ✓ fomentar e iniciar formação intensificada do material da CNBB sobre a iniciação à vida cristã ao estilo do catecumenato.

1ª AÇÃO COMUM: Impulsionar o Processo de Catequese com inspiração catecumenal.

O QUÊ?

Realizar o estudo do Documento “Iniciação à Vida Cristã” – Estudos da CNBB – 97, em vista de uma compreensão maior do Processo de Catequese com Inspiração Catecumenal: entre os presbíteros; entre os diáconos; e nos Conselhos Pastorais Paroquiais.

COMO?

- ✓ Entre os presbíteros, religiosas e diáconos.
- ✓ Nos Conselhos Pastorais Paroquiais: garantir duas reuniões para o estudo.
- ✓ Formação para os catequistas.

QUEM?

A Coordenação Diocesana de Pastoral; a Coordenação Diocesana de Catequese; os Coordenadores das Regiões; os Conselhos Pastorais Paroquiais.

QUANDO?

Ao longo do ano 2012.

ONDE E PARA QUEM?

Na Diocese, regiões e paróquias e formação para catequistas, encontros de noivos e responsáveis pelos cursos de preparação para pais e padrinhos.

O QUÊ?

- b) Realizar no 1º semestre uma reflexão sobre o Sacramento da Iniciação Cristã do Batismo sob a perspectiva catecumenal com os que estão envolvidos com a Pastoral do Batismo.

COMO?

- ✓ 1º Garantir no mínimo três encontros para o estudo envolvendo o Pároco, a Coordenação Paroquial de Catequese e os Envolvidos com a Pastoral do Batismo. Elucidar: **batizado, mas não iniciado**, **reiniciar**... **batizado, mas não evangelizado**, **completar a iniciação**... **catecúmeno** já batizado (cristão!)... **catecúmeno**, **não batizado**, **eleito**... **fiéis** (já batizados)... **catequizandos**, **candidatos** (batizados ou não)...
- ✓ 2º Realizar no 2º semestre um Encontro Regional para partilhar o estudo feito.

QUEM?

Os Párcos; a Coordenação Paroquial de Catequese; os Envolvidos da Pastoral do Batismo.

QUANDO?

Ao longo do ano.

ONDE?

Nas Paróquias envolvendo as lideranças.

O QUÊ?

- c) Celebrar o Dia do Catequista dentro da perspectiva do Processo de Catequese de Inspiração Catecumenal.

COMO?

- ✓ 1º Garantir a preparação para o Dia do Catequista com o estudo do Documento “Iniciação à Vida Cristã” – Estudos da CNBB 97;
- ✓ 2º Pautar como tema central de reflexão e oração do Dia do Catequista o “Processo de Catequese de inspiração catecumenal”.

QUEM?

A Coordenação Diocesana de Pastoral; a Coordenação Diocesana de Catequese; as Coordenações Paroquiais de Catequese.

QUANDO?

Nos meses de julho e agosto.

ONDE?

Em todas as comunidades e paróquias.

Garantir para 2012: teologia da Iniciação Cristã; processo do catecumenato com seus diferentes tempos de informação e amadurecimento; sentido, objetivo, meios, duração de cada tempo; ritos e símbolos; celebrações que assinalam a passagem de um tempo para outro (etapas) com suas exigências; roteiro e conteúdos dos principais ritos; proposta de celebração unitária dos sacramentos da Iniciação Cristã; despertar a comunidade eclesial para a importância da Iniciação Cristã de Adultos; suscitar introdutores; organizar a formação para os introdutores. Concretizar a unificação das ações catequéticas a nível diocesano no que concerne ao itinerário, quadro temático, material didático e idade para recepção dos Sacramentos.

Metas para 2013, 2014, 2015: dois encontros de formação em nível diocesano para os catequistas, favorecendo os multiplicadores nas paróquias.

Apêndice: Desafios e indicações práticas para catequese

- a. Ser assumida por toda comunidade, com o apoio do bispo diocesano, dos presbíteros, dos diáconos, dos religiosos e dos conselhos comunitários de pastoral e conselhos para assuntos econômicos.
- b. Ser entendida como um processo permanente e para toda comunidade e que, começando com o anúncio e guiado pela Palavra de Deus, conduz ao encontro com Cristo.
- c. Qualificar os catequistas, através de encontros periódicos de formação, para que possibilitem a experiência de Deus e que esta seja um exercício prazeroso.
- d. Tornar a catequese mais dinâmica de modo que incentive a participação e o engajamento comunitário dos catequizandos;
- e. Que a catequese não seja entendida apenas como preparação aos sacramentos, nem seja dirigida somente às crianças e aos adultos, mas que seja um processo permanente que envolve todos, especialmente, os adultos, para que garantam a educação da fé nas famílias.
- f. Compreender a catequese dentro do conjunto da ação evangelizadora, num trabalho conjunto com os outros setores pastorais.
- g. Que a catequese seja mais vivencial e celebrativa, garantindo a interação entre fé e vida.
- h. Que as comunidades e as paróquias invistam na catequese, tanto na formação dos catequistas quanto em materiais adequados, para que seja mais atrativa e dinâmica.
- i. Garantir a continuidade da formação dos catequistas através da Escola Diocesana de Catequese com dois encontros ao ano.
- j. Rever a atual metodologia da catequese, a fim de torná-la mais evangelizadora, tendo a Bíblia como grande inspiração.

TERCEIRA URGÊNCIA

A Palavra estabelece comunhão na diversidade e multiplicidade dos carismas: A Igreja como comunidade de comunidades ou rede de comunidades:

A Igreja-comunhão se constrói como rede de comunidades, onde haja uma integração entre todos, formando um corpo articulado. Para acontecer a renovação da Igreja será necessário conversão pastoral do clero e dos agentes de pastoral, bem como rever as estruturas pastorais, a composição das instâncias de representação eclesial e a distribuição territorial do presbitério. A metáfora da rede modifica o esquema fundamental. Os corpos menores relacionam-se entre si e da conjugação de suas deliberações surgem as decisões. Predomina a busca do consenso entre todos [aqui o conselho pastoral é essencial]. As informações circulam livremente. Evita-se a concentração de poder em determinados cargos. Todos se ligam com todos. Predomina a figura do horizontal. Em vez de elas se entenderem a partir do centro – matriz ou catedral -, elas se concebem como conjunto de comunidades entre si ligadas e dessa conexão emerge a ideia de paróquia, região ou diocese. Ambas não precedem as comunidades, mas o contrário. Primeiro estão as comunidades que só se compreendem em relação de serviço, de oferta e demanda em relação às outras. E a ideia de diocese ou paróquia surge desse tecido de comunidades. As informações circulam pelas comunidades livremente e desde daí elas decidem as ações, levando em consideração as outras comunidades na dupla atitude de quem oferece e recebe conforme a sua própria possibilidade e necessidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- ✓ Promover o processo de setorização das paróquias, como ferramenta fundamental para o processo de renovação; esse item será essencial para a missão permanente;
- ✓ Incentivar a criação de novas Comunidades organizadas em rede;

- ✓ Acolher e motivar a nucleação de novos grupos que garantam a inserção da Igreja em tantos ambientes desafiadores na realidade urbana: favelas, escolas, entre outros.
- ✓ Rever e adequar as estruturas e dinâmicas pastorais, bem como a composição das regiões Pastorais, Comissões, Coordenações, Conselhos, entre outros. Valorizar a função dos conselhos regionais.
- ✓ Criar o ministério de articulação e melhorar a comunicação em todos os níveis.

O QUE É PRECISO FAZER?

- ✓ Organizar a paróquia em pequenas comunidades, setores, capelas, descentralizando a ação evangelizadora da matriz. É importante que a paróquia passe a ser vista como o conjunto das comunidades e não como igreja matriz.

QUE ESTRATÉGIAS ADOTAR?

- ✓ Seguir o critério geográfico da proximidade e, a partir dele, estabelecer com o CPP, os limites de cada comunidade;
- ✓ Organizar os grupos de catequese infantil, de adolescentes, de jovens, de reflexão, equipes de liturgia, canto, pastoral do dízimo e tudo o que puder, por comunidade; possibilitar acompanhamento permanente desses grupos;
- ✓ Organizar uma assembleia desses grupos de cada comunidade e escolher pelo menos uma coordenação mínima para cada comunidade; aqui o escopo é passar da figura do coordenador para um conselho ou coordenação;
- ✓ Oferecer atendimento personalizados às pessoas.

METAS

- ✓ Primeiro passo: conhecer o projeto.

COMO?

- ✓ Montagem de uma equipe de padres, religiosos e leigos para elucidação teológica; Aprofundar o que significa a “rede de comunidades” como modelo de Igreja, bem como o peso eclesiológico das várias modalidades de Comunidade;
- ✓ Uso de linguagem popular, ao modo das CEBs, acessível a toda a liderança; Investir na formação de líderes, gestores, coordenadores comunitários;
- ✓ Conteúdos sobre dinâmica fé e vida.

PARA QUEM? (destinatários)

- ✓ Para todas as lideranças: padres, diáconos, religiosos (as), catequistas, coordenadores(as) de pastorais e movimentos, coordenadores(as), capelas, setores com a finalidade de formar equipes bem qualificadas para conduzir os processos pastorais, focando as ações nas pessoas, e assim despertar e formar discípulas e discípulos missionários.

QUANDO? (calendarização)

- ✓ Durante o triênio.

Ações específicas com as quais as Comunidades, Paróquias e Movimentos devem se comprometer:

- a) Redescobrir o valor e a finalidade dos Conselhos. Que padres e leigos se escutem mutuamente e fraternalmente, buscando os melhores meios e caminhos para maior unidade na ação evangelizadora.
- b) Investir mais nas reuniões de Conselhos para que sejam, de fato, espaço de espiritualidade, formação, partilha e fraternidade e não apenas instância de programação de eventos e comunicações.

- c) Realizar nos Conselhos uma autêntica experiência de trabalho em equipe, de colegialidade, aprofundando a corresponsabilidade pastoral entre padres e leigos.
- d) Retomar o tema da representatividade e papel dos Conselheiros Paroquiais:
 - 1. Avaliar a caminhada da Paróquia, estabelecendo metas de ação visando sua renovação e criação de novas comunidades, sob a coordenação do Conselho Pastoral Paroquial.
 - 2. Averiguar a melhor maneira de organizar a rede de comunidades: setores, células, círculos bíblicos, grupos de vida, conjuntos habitacionais, etc., sob a responsabilidade do Conselho Pastoral Paroquial.
 - 3. Ter um cuidado maior com a realidade rural, sobretudo quanto à sua cultura, sua linguagem, suas necessidades e desafios.
 - 4. Dedicar atenção especial a realidades específicas, marcando uma presença maior junto a: Movimentos, e Escolas da rede pública.
 - 5. Fortalecer o Ministério das Exéquias e da Consolação em todas as Paróquias.

Com relação aos Movimentos:

- ✓ Fortalecer o programa de comunhão dos Movimentos entre si e destes com a diocese.
- ✓ Integrar os Movimentos nas Paróquias onde se encontram.
- ✓ Desenvolver o sentido missionário dos Movimentos.

Nível regional

Fortalecer e ampliar o Conselho regional; a figura do[a] coordenador [a] regional permanece, contudo, haverá um conselho composto por

todos os representantes das várias pastorais e movimentos com os seguintes objetivos específicos:

1. Representar efetiva e eficazmente o povo de Deus das Paróquias da Região Pastoral, mostrando suas realidades, desafios e esperanças.
2. Favorecer e fomentar o espírito de verdadeiro trabalho da ação evangelizadora em conjunto, pela plena participação de todos.
3. Acompanhar e assegurar a execução da Ação Evangelizadora na Região Pastoral, bem como a avaliação de sua aplicação.
4. Refletir, planejar, coordenar e avaliar as atividades da Ação Evangelizadora mais importantes da Região Pastoral.
5. Eleger o Coordenador Regional da Ação Evangelizadora em sintonia com o bispo.
6. Favorecer o intercâmbio das experiências paroquiais da Região Pastoral.
7. Promover a formação dos Agentes da Ação Evangelizadora em nível regional.
8. Oferecer ajuda às paróquias da Região Pastoral que estejam encontrando dificuldades na execução da ação evangelizadora.
9. Desenvolver a plena comunhão das Paróquias da Região Pastoral com toda a Diocese, nos vários níveis de atuação da ação evangelizadora.
10. Preparar e realizar a Assembleia Regional, atendendo às orientações da Coordenação Diocesana de Pastoral.
11. Assumir as decisões das Assembleias Diocesana e Regional, fazendo avaliações contínuas das mesmas.
12. Articular e fazer acontecer o Plano Diocesano de Pastoral, elaborando o Calendário Regional das principais atividades a serem realizadas.

13. Promover periodicamente uma renovação das lideranças [a cada dois anos], exercendo a democratização e a corresponsabilidade pastoral, seguindo as orientações do Manual dos Conselheiros.
14. Superar o individualismo na evangelização, trabalhando sempre mais em conjunto com as outras forças evangelizadoras na própria Paróquia, Regiões e em sintonia com o Projeto de Evangelização da diocese e suas Diretrizes específicas.
15. Aprofundar o tema da corresponsabilidade pastoral entre padres e leigos, através do diálogo sincero e fraterno, superando visões estreitas, conflitos desnecessários, mútuo desconhecimento. O melhor espaço para isso são os Conselhos, em todos os âmbitos.

QUARTA URGÊNCIA

A Palavra faz caminho, não está algemada, é missionária: Igreja em estado permanente de missão:

Iluminação teológica: conversão – renovação missionária das comunidades

A missão não é uma questão de coerção, mas de coração. As pessoas precisam de humanidade. Aparecida aposta que o amor cristão supera o amor humano e participa do amor divino, único eixo cultural capaz de construir uma cultura da vida [DAp 550]. De coração a coração, o escopo da missão é converter os corações, fazendo com que todos se tornem discípulos missionários [Mt 28,19]. Evangelizar, segundo São Francisco de Assis, é oferecer aos homens a nossa amizade. E continua: é nossa amizade que eles esperam, uma amizade que lhes faça sentir que são amados de Deus e salvos em Jesus Cristo.

As diretrizes insistem muito na comunidade missionária, ou seja, o sujeito da missão é a comunidade e aqui temos que fazer o processo de conversão pastoral. Também a Igreja, em Aparecida,

sente que está na hora de mudar, mas não sabe como e onde começar. De um lado almeja abandonar uma pastoral de conservação, para uma missão evangelizadora no meio do mundo. Por outro lado, reafirma hierarquicamente suas estruturas. A principal estrutura a ser mudada é a própria mentalidade eclesiocêntrica. Por exemplo, tomemos a palavra pastoral e missão a partir da renovação missionária das paróquias [DAp 173]: essas duas palavras indicam tensões diferentes e quase opostas; uma, indica preservação, cuidado com os fiéis; a outra, abertura, envio ao diferente, que não pertence ao rebanho cristão. Nesse sentido, a paróquia nunca foi propriamente missionária e nem nasceu para ser missionária. Por isso, a rede de comunidades poderá nos ajudar a conjugar uma pastoral missionária, que lida com pessoas que têm coração e, nesse sentido, a missão, como dissemos antes, é uma questão de coração. Não basta começar pelas estruturas, mas pelas atitudes novas dos párocos e sacerdotes que estão a serviço dela [DAp 201].

Objetivos Específicos:

- ✓ Reunir e recompor a equipe diocesana para planejar, oferecer pistas e articular para que seja realizada a pós-missão.
- ✓ Desenvolver um programa de animação missionária permanente na Diocese;
- ✓ Integrar e articular pastorais, movimentos, associações e agentes numa ação concentrada de evangelização.
- ✓ Acolher, acompanhar e evangelizar (através de cursos ou encontros específicos) as famílias e pessoas que procuram a Igreja (principalmente em ocasião dos sacramentos ou para assistência social).
- ✓ Realizar diferentes formas de ação missionária nas paróquias e comunidades, procurando atingir principalmente aqueles que não participam ou se afastaram da Igreja: pós-missão; visitação a famílias; criação de grupos de reflexão, etc.

- ✓ Acompanhar e dar subsídios para a continuidade dos grupos e trabalhos.
- ✓ Promover a liturgia como fonte e cume de toda a ação da Igreja formadora de discípulos missionários.

1. Destinatários

- ✓ **Ad intra:** os destinatários podem ser divididos em quatro grupos principais:

Grupo A: Famílias e pessoas que não participam ou que se afastaram da Igreja;

Grupo B: Famílias e pessoas que procuram a Igreja para os sacramentos ou para assistência social;

Grupo C: Famílias e pessoas que participam das celebrações dominicais;

Grupo D: Famílias e pessoas engajadas em movimentos, pastorais, associações, etc.

- ✓ **Ad extra:** comunidades de outras paróquias necessitadas de ajuda missionária, como por exemplo, os finais de semana missionários em paróquias vizinhas, missão jovem, possibilitando o intercâmbio missionário.

Nível regional e paroquial

- a) Realizar um mapeamento geográfico de cada paróquia, que ajudará na divisão em setores, na criação de formas de organização e de comunicação, e no levantamento de dados.
- b) Dividir a paróquia em regiões missionárias e em setores (formados por grupos de famílias/casas).
- c) Identificar e formar/treinar coordenadores de regiões e coordenadores de setores.

- d) Reorganizar a estrutura paroquial a partir dos setores, melhorando a eficiência e descentralização numa dinâmica: Pároco, CPP, equipe de animação missionária, coordenadores de regiões missionárias, coordenadores de setores, famílias.
- a) Formar missionários/visitadores e organizar equipes de visitação às famílias.
- b) Criação de uma equipe de animação missionária que auxilie as paróquias nos levantamentos dos dados e na realização da evangelização.
- c) Encontro específico de formação (treinamento) dos visitadores, pela equipe diocesana, a partir de um cronograma próprio.

PROGRAMA 1 ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

1.1 Ações e estratégias

AÇÃO	ESTRATÉGIA
a) Realizar aniversário da semana missionária paroquial anualmente.	a) Sob a responsabilidade do Conselho Pastoral Paroquial e/ou das Comissões Missionárias Paroquiais.
b) Continuar as visitas [pós-missão], envolvendo todas as pastorais, grupos e movimentos, de forma sistemática e organizada.	b) Sob a responsabilidade do Conselho Pastoral Paroquial e/ou das Comissões Missionárias Paroquiais.
c) Fomentar a animação missionária por ocasião dos “tempos fortes” (Campanha da Fraternidade, Mês Mariano, Semana Nacional da Família, Mês da Bíblia, Mês Missionário, Natal em Família, Festas dos Padroeiros), envolvendo todos os agentes pastorais.	c) Sob a responsabilidade do Conselho Pastoral Paroquial e/ou das Comissões Missionárias Paroquiais, infância e adolescência missionária.

AÇÃO	ESTRATÉGIA
d) Por região reunir [semestralmente] para avaliar e qualificar a dimensão da missionariedade da fé cristã.	d) Sob a responsabilidade da Comissão Missionária de cada região e Diocesana (Comidi) e da Coordenação diocesana de Pastoral
e) Promover de forma dinâmica o encerramento do mês missionário.	e) Sob a responsabilidade da Comissão Missionária de cada região, Diocesana (Comidi) e da Coordenação diocesana de Pastoral.
f) Criar equipes de animação missionária nos níveis diocesano (Comidi), regional, e paroquial, articuladas e integradas às instâncias já existentes: Coordenação Pastoral Diocesana-Comidi; Coordenação regional; Conselho Pastoral Paroquial.	f) Sob a responsabilidade da comissão missionária diocesana (Comidi) e da Coordenação diocesana de Pastoral.

PROGRAMA 2 SETORIZAÇÃO E DESCENTRALIZAÇÃO DA AÇÃO PASTORAL E MISSIONÁRIA

2.1 Objetivos

- a) Reformular as estruturas paroquiais, para dar impulso às ações pastorais das comunidades e grupos, conseguindo fazer com que seus membros se sintam discípulos missionários;
- b) Criar e fomentar equipes de animação e de coordenação das ações nas comunidades, para dar a estas um dinamismo particular, sem prejuízo do espírito de comunhão;
- c) Promover o intercâmbio e o diálogo entre as comunidades para possibilitar a vivência de uma pastoral orgânica e de conjunto.

2.2 Ações e estratégias

AÇÃO	ESTRATÉGIA
<p>Impulsionar a participação efetiva dos agentes pastorais em suas ações na comunidade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criando uma equipe de coordenação e animação da comunidade; ✓ Fazendo assembleias de planejamento pastoral da comunidade; ✓ Fomentando celebrações próprias da vida da comunidade (festas de padroeiros, retiros, formação, Campanha da Fraternidade, Natal em Família, etc.); ✓ Promovendo reuniões mensais de acompanhamento do plano Pastoral da Comunidade; ✓ Delegando responsabilidades à equipe de coordenação.
<p>Criar as equipes de animação e ordenação das comunidades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Fazendo a experiência do planejamento das ações pastorais da comunidade. Para tanto, é importante que o planejamento pastoral da paróquia considere os planos de ações evangelizadoras das comunidades; ✓ Observando as lideranças das comunidades; ✓ Sugerindo uma equipe de trabalho, a qual será confirmada pela assembleia pastoral ou na reunião mensal; ✓ Incluindo um ou dois membros da equipe de coordenação no Conselho Pastoral Paroquial e no Conselho Administrativo da Paróquia.

AÇÃO	ESTRATÉGIA
Criar setores de ação pastoral específica, tais favelas, pequenas localidades rurais, etc.	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Suscitando lideranças e equipes de coordenação das atividades nos setores; ✓ Fazendo o planejamento das ações pastorais para estes setores em assembleia própria, envolvendo as pastorais que atuam nestas áreas; ✓ Animando a vida dessas áreas via promoção de ações nos “momentos fortes”; ✓ Implementando encontros de formação e acompanhamento das ações e lutas dessas áreas.

Crerios e questões para orientar a avaliaão

As questões apresentadas a seguir levam em consideraão crerios para uma avaliaão eficaz, a qual será aplicada em todas as escalas da aão pastoral: comunidade, paróquia e região.

A forma e a frequência segundo as quais será feita esta avaliaão, do nível da comunidade ao da paróquia, fica a crerio dos Conselhos Pastorais Paroquiais, em face da sua dinâmica e das suas demandas. Apenas ressaltamos que se faz necessário dar respostas globais sobre a forma como a caminhada pastoral está sendo desenvolvida.

CRITÉRIO	QUESTÃO
Eficiência	Os custos e os esforços aplicados compensam os resultados obtidos?
Qualidade	O trabalho foi bem feito, de acordo com as ações propostas? Quais as causas dos problemas encontrados?
Persistência	As pessoas estão propensas a continuar o trabalho? Houve conversão?
Impacto	Diante do que se tinha em mente atingir, qual a importância dos resultados alcançados?

Importante: Levantamento específico

- ✓ Fazer o levantamento do número de celebrações dominicais e da média de frequência (contagem dos participantes durante 4 ou 5 semanas sucessivas).
- ✓ Fazer o levantamento anual dos sacramentos (Batismo, 1ª Eucaristia, Crisma, Matrimônio) em comparação com dados populacionais (crescimento da população no período; número de nascimentos e número de casamentos no ano, etc.).
- ✓ Fazer o levantamento das famílias e residências do território de cada paróquia e a identificação das famílias católicas, seus membros e dados pastorais/sacramentais, através de visitas que já são um momento de acolhida/evangelização (aproveitar para fazer uma bênção das famílias/casas e uma oração conjunta).

Obs.: O levantamento estatístico só terá sentido se acompanhado de ações concretas projetadas a partir dos dados levantados (por exemplo: “Missões Populares”; divisão da paróquia em setores e melhora da forma de comunicação e organização da paróquia; etc.).

QUINTA URGÊNCIA

A Palavra tem rosto, se encarnou: A Igreja a serviço da vida plena para todos:

- ✓ Formar para a caridade nas suas várias dimensões: serviço aos pobres e sofredores;
- ✓ É importante que a Igreja forme pessoas em níveis de decisão: empresários, políticos, formadores de opinião no mundo do trabalho, dirigentes sindicais, etc.;
- ✓ Garantir dois encontros nas paróquias para os possíveis candidatos com pessoas competentes para elucidar sobre a ética e função do prefeito e vereador, enfim.
- ✓ Ter uma equipe que levante e discuta questões de impacto na realidade pastoral, sobretudo, com o enfraquecimento das chamadas pastorais sociais, com dificuldade para renovação das pessoas.

Resposta: Casa de Recuperação

O Documento de Aparecida nos lembra que “iluminados pelo Cristo, o sofrimento, a injustiça e a cruz nos desafiam a viver como Igreja Samaritana (Lc 10,25-37), recordando que a evangelização vai unida sempre à promoção humana e à autêntica libertação cristã” (DAp 26). “Os adolescentes e os jovens, dada a situação que se encontram na sociedade (...) estão entre os mais expostos aos efeitos da pobreza, vítimas de toda a sorte de alienações que afetam sua identidade pessoal e social. São fortemente influenciados por falsas ilusões de felicidade e pelo paraíso enganoso das drogas, do prazer, do álcool e de todas as formas de violência”.

Dada a preocupante situação do mundo das drogas, especialmente entre adolescentes e jovens e frente à necessidade de se oferecer espaços de recuperação aos dependentes, há mais tempo, a Diocese vinha pensando numa ação social que pudesse responder a essa necessidade, que é bem real e urgente em nossa região. “É indispensável que se continue e mesmo se intensifique o trabalho

de prevenção contra as drogas e combate à sua difusão. Criem-se e desenvolvam-se pastorais e instituições que lidem com tóxico-dependentes e seus familiares”.

Por isso, sensível aos apelos da realidade e seguindo as orientações da Igreja, a partir da Assembleia Diocesana, a Diocese assumiu o projeto de abrir uma *Casa de Recuperação*, a fim de oferecer um espaço de recuperação aos dependentes de drogas.

Como é um projeto diocesano, todos deverão se envolver, no sentido de empenhar-se para a sua consolidação, bem como para garantir seu funcionamento e sua sustentabilidade.

Serão necessários, também, o esforço e o empenho das paróquias em organizar e em fortalecer a Pastoral da Sobriedade, formando grupos de autoajuda para acompanhar os familiares e, especialmente, os adolescentes em seu período de recuperação. Além disso, em sintonia com o projeto Casa de Recuperação e a Pastoral da Sobriedade é necessário desenvolver de forma sistemática a Pastoral Carcerária diocesana. Nesse sentido que queremos propor alguns pontos para que, posteriormente, se faça um projeto mais fundamentado.

PASTORAL CARCERÁRIA

MISSÃO

Ser presença de Jesus Cristo e da Igreja Católica no cárcere e promover a valorização da dignidade humana.

OBJETIVO

Levar o Evangelho de Jesus Cristo às pessoas privadas de liberdade e zelar para que os direitos humanos e dignidade humana sejam garantidos no sistema prisional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levar o Evangelho de Jesus Cristo aos cárceres e colaborar para que os direitos humanos sejam garantidos, através de denúncias, bem como propostas de medidas de conciliação e paz; Qualificar o acompanhamento aos encarcerados, bem como aos seus familiares.

Conscientizar a sociedade para a difícil situação do sistema prisional;
Promover a dignidade humana;

Motivar a criação de políticas públicas que zelam pelo respeito aos Direitos Humanos.

ATIVIDADES

Visitar a todas as dependências prisionais: celas em geral, inclusão, celas de castigo, seguro, enfermaria etc.;

Diálogo com a sociedade a fim de promover uma consciência coletiva comprometida com a vida e a dignidade da pessoa humana. Participação em debates e de matérias na imprensa;

Apoio jurídico e social às famílias de presos e presas; Acompanhamento de denúncias de violação de direitos humanos; entre muitas outras...

METAS

2012 Reorganizar a Pastoral nas cidades da Diocese visando maior funcionalidade nas atividades e realização dos projetos com reuniões periódicas com a coordenação diocesana: compor uma equipe diocesana e favorecer um encontro de formação para as pessoas que fazem visitas e outros agentes interessados; Fazer o levantamento de endereços da população carcerária habitante na nossa diocese. A finalidade desse levantamento é identificar as necessidades dessas famílias em especial e, num trabalho conjunto com todas as Pastorais Sociais, proporcionar uma assistência mais direcionada para essas famílias visando a diminuição da violência na diocese. Conseguir junto ao poderes competentes e associações projetos de reinserção de presos egressos.

Desafios e indicações práticas para as Pastorais Sociais:

- ✓ Compor e ampliar uma coordenação das pastorais sociais na Diocese;
- ✓ Unidade entre as pastorais sociais; trabalhar a construção da cidadania de forma planejada, organizada e articulada com outras organizações da sociedade civil, que tenham como finalidade a promoção e a defesa da vida;
- ✓ Participar ativamente nos Conselhos Municipais na defesa das Políticas Públicas;
- ✓ Conscientizar para a prática da caridade e da solidariedade para com os mais necessitados ou com os que se encontram em situações de risco;
- ✓ Retomar a mística das pastorais sociais, das CEBs, proporcionando encontros de formação com seus membros e com o povo;
- ✓ Retomar a Formação Política (fé e política);
- ✓ Valorizar as datas comemorativas do ano: dia do agricultor, do trabalhador, da mulher...
- ✓ Valorizar e incentivar os projetos alternativos.
- ✓ Formar o discípulo missionário em sintonia com a Doutrina Social da Igreja.
- ✓ Tornar mais eficiente e eficaz as Obras Sociais da Diocese, a fim de contribuir, junto às políticas públicas, em favor de melhores condições de vida (alimentação, trabalho, saúde, moradia) em toda a Diocese.
- ✓ Incentivar e criar condições concretas na formação e acompanhamento das pastorais sociais (criança, pessoa idosa, sobriedade, carcerária, CPT – Comissão Pastoral da Terra –, Vicentinos e outros).
- ✓ Incentivar a solidariedade cristã para a pessoa que atravessa alguma situação de sofrimento.

- ✓ Sensibilizar a sociedade, de modo especial o Poder Público, para a questão das drogas e dos comportamentos de risco;
- ✓ Fornecer informação sobre o tema e sobre a realidade local, objetivando a sensibilização do indivíduo a partir do convencimento pessoal;
- ✓ Criar grupo multidisciplinar voluntário que se dedique ao estudo e reflexão do tema, e com base no perfil da comunidade local, discutam possíveis políticas de prevenção e tratamento antidrogas que venham a ser inseridas na agenda política dos municípios;
- ✓ Buscar parcerias com as Instituições de Ensino, de modo particular as Instituições de Ensino Superior, tendo presente que o público de risco são os jovens, objetivando que essas possam estimular e desenvolver pesquisas com a temática, bem como implantar em seus campus programas que atendam essa demanda, principalmente no quesito prevenção;
- ✓ Incentivar a Secretaria de Educação do Município e Subsecretaria Regional de Educação a capacitar os professores para identificar os problemas com as drogas, trabalhando conceitos básicos de prevenção, fornecendo informações, orientando-os como proceder frente a essa problemática, bem como a realização de oficinas pedagógicas sobre o tema em questão;
- ✓ Ir ao encontro das famílias dos dependentes químicos, colocando-se em atitude de escuta, entendimento e acolhida para lhes apoiar;
- ✓ Favorecer e apoiar a Pastoral da Sobriedade;
- ✓ Apoiar a participação da sociedade civil para a reorientação e ética da política.
- ✓ Empenhar-se decididamente no combate à corrupção eleitoral:
- ✓ Refletir, constantemente, nas pastorais e celebrações o valor da cidadania;

- ✓ Informar a sociedade quanto a Lei n. 9.840, de 28 de Setembro de 1999, que trata sobre o combate à Corrupção Eleitoral e criar Comitês de fiscalização do cumprimento desta lei.
- ✓ Trabalhar a formação política dos leigos/as em vista do engajamento no processo político e do acompanhamento dos eleitos.
- ✓ Tornar mais conhecida as ações do Tribunal Eclesiástico, bem como encaminhar as pessoas para ele conforme suas necessidades.

CONCLUSÃO

Propomos aqui um Plano para orientar a Caminhada Diocesana.

Esperamos que este Plano Diocesano de Pastoral possa servir de ajuda, orientação e incentivo para a realização das pastorais nas paróquias e comunidades. Por meio deste Plano, e sob a graça de Deus as paróquias e comunidades possam concretizar as cinco urgências das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil de 2011 a 2015, crescendo na vida cristã, na fé e na unidade. Sabemos que a Igreja é instrumento do Reino, é caminho para a salvação, mas é também lugar onde podemos ser muito felizes sentindo-nos família com os outros, numa comunidade que transforma o mundo.

São Paulo nos exorta, “a Palavra de Cristo permanece entre nós com toda sua riqueza, de sorte que com toda sabedoria possamos instruir e aconselhar mutuamente” (cf. Cl 3,16).

**OBJETIVO GERAL DAS
DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO
EVANGELIZADORA DA IGREJA
NO BRASIL 2011-2015 E
DA DIOCESE DE
SÃO LUÍS DE MONTES BELOS**

Evangelizar a partir de Jesus Cristo
e na força do Espírito Santo,
como Igreja discipula, missionária e profética,
alimentada pela Palavra de Deus
e pela Eucaristia, à luz da evangélica
opção pelos pobres,
para que todos tenham vida
rumo ao Reino definitivo.